

SILVIA CINTRA FRANCO

NA BARREIRA DO INFERNO



ea
editora atria

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Silvia Cintra Franco

NA BARREIRA DO INFERNO

Série Vaga-Lume

TEXTO

Responsabilidade editorial:

Fernando Paixão

Assistência editorial:

Carmen Lucia Campos

Preparação dos originais:

Denise Azevedo de Faria

Suplemento de Trabalho:

Maria Aparecida Spirandelli

ARTE

Editor:

Marcus de Sant'Anna

Diagramação:

Wilma Chiarelli

Ilustrações:

Edgard Rodrigues de Souza

Arte-final:

Fukuko Saito

Antonio U. Domiencio

Coordenação de composição:

Neide Hiromi Toyota

Editora Ática, 1990

Uma autora preocupada com a vida no planeta

Silvia Cintra Franco é uma autora com o pique das aventuras que gosta de sonhar e depois passar para o papel. Seu texto reflete o bom humor e o otimismo com que encara a vida, além de uma certa ironia e espírito crítico para mostrar o que há de contraditório, ridículo ou extravagante no dia-a-dia nacional.

Paulistana, vive com o coração no mundo. Seus livros se passam em cenários diversos: na Idade Média, em *O resgate no tempo*, ou no Peru de hoje, em *Aventuras no Império do Sol*. E agora, na cidade espacial brasileira, Natal.

Mas por que uma paulistana se põe a escrever sobre o Rio Grande do Norte? Na verdade, para a autora foi irresistível a idéia de retratar o Nordeste como uma região que cresce, se moderniza, e que não é só seca, miséria e ignorância. Há vida, muita vida, além do Sul Maravilha, e trazer para os leitores aventuras vividas em outros pontos do Brasil é não só uma questão de justiça, como também de bom gosto.

O tema central de *Na Barreira do Inferno* é a ecologia, uma causa que veio para ficar. A sobrevivência do planeta é fundamental para os que o habitam, do mesmo modo como é importante a qualidade de vida de todas as pessoas, sem qualquer discriminação. Daí a preocupação da autora em falar da luta pelo verde sem esquecer das muitas outras lutas travadas em nosso País. Silvia acredita que é preciso reconhecer a importância de todas elas, para que nenhuma fique esquecida.

*

Aos amigos Lucila Rayel e Marcello Glycério de Freitas.

Com os agradecimentos a Célia Holtz, Zéfinha Ribeiro de Lima, Marcos Ely da Silva e Gilson Queiroz Pereira que gentilmente colaboraram na pesquisa de campo desta obra.

E um beijo para a menina Rafaela Barbosa Queiroz.

1. REUNIÃO POR TODO O LADO

Simone espiou pra fora da janela a rua gostosa que se avistava lá do seu quarto. Uma figura esguia e hesitante se aproximava do portão da casa.

— Otaviano, Otaviano — gritou Simone lá de cima — pode ir entrando que eu já estou descendo!
— avisou ao colega de escola.

Otaviano abriu o portão de madeira baixo, atravessou o pequeno jardim e foi dar na varanda da casa da nova amiga de escola. Sentiu-se subitamente tímido e sem jeito. A varanda estava tomada por um grupo grande de mulheres reunidas, falando animadamente. Eram de todas as idades, tinha até uma bem velhinha, sentada numa cadeira de espaldar duro; duas outras, segurando prancheta e caneta na mão, estavam instaladas na rede; e as demais fechavam o círculo, sentadas no chão ou em gostosas cadeiras de palha.

O menino não sabia nem como atravessar para alcançar a porta de entrada.

Minha gente, vamos por ordem, atenção à pauta da reunião, temos muito o que discutir hoje: a instalação do Coletivo Feminista Nísia Floresta numa nova casa, o apoio à causa do ecologista Cido Lima, que chega semana que vem à cidade, e a preparação do Encontro Nacional, aqui em Natal — dizia uma delas. Depois, voltando-se para o rapaz acanhado junto à varanda, falou: — Você deve ser Otaviano, colega de Simone, não é?

Otaviano fez que sim. Ele nunca vira tanta mulher junta, discutindo assuntos que não tinham nada a ver com *cricri*, criança e criada.

A mulher, que era jovem e muito decidida, animou-o:

— Minha filha está lá dentro, pode entrar!

Otaviano prosseguiu caminho, pedindo licença às pessoas até conseguir entrar na casa. Sentiu novo embaraço: lá dentro havia outra reunião, desta vez com homens e mulheres. Mas a maioria era de homens.

— Companheiros, precisamos tomar cuidado com a segurança do nosso visitante, ouvi falar que lhe estão preparando uma emboscada!

Otaviano estacou, sentindo-se decididamente confuso. Salvou-o Simone, que chegava.

— Oi. Já estou pronta, podemos ir embora. — E dando um beijo num homem, que devia ser o pai, despediu-se de todos. O grupo acenou em despedida.

— Aos sábados, meu pai tem reunião com o pessoal do Sindicato aqui em casa. Ele é o advogado deles. E a mamãe, com as feministas do Coletivo... Por isso é que não dá pra gente fazer reunião aqui. É reunião demais numa casa só.

Os dois passaram pelo grupo da varanda, que se despediu deles com simpatia.

— O que é isso de emboscada que seu pai estava falando quando você chegou? — perguntou Otaviano curioso. Ele estava achando o máximo aquela nova colega, que família mais doida!

— Emboscada? Ah, sim, papai falou hoje de manhã. O Sindicato vai receber um ecologista que já foi ameaçado de morte várias vezes. E eles estão se organizando para evitar que isto aconteça aqui em Natal.

— Puxa — exclamou o rapaz. — Será que eles vão conseguir?

Simone encarou o amigo.

— Claro, e eu vou ajudar!

2. COINCIDÊNCIAS DEMAIS

Otaviano tinha 14 anos e havia acabado de entrar na escola de Simone. Uma escola muito boa, com boas carteiras, uma quadra poliesportiva e até professores satisfeitos com o salário. Só tinha um defeito a nova escola: era cara. E para Otaviano, que era de família pobre e ajudava no orçamento da casa, trabalhando ora como pescador na jangada do tio, ora pastoreando carros, a única forma de freqüentar a escola fora candidatando-se a uma bolsa de estudos. Ele a ganhara vencendo mais de trinta outros candidatos, num exame puxado. O garoto era mulato, não muito alto e tinha braços musculosos. A pele, curtida a sol e mar, a vento e pesca. Sentia-se muito orgulhoso de ser um dos primeiros da classe e muito mal quando via a riqueza de seus colegas, os tênis caros que eles usavam... sentia uma certa vergonha das alpargatas gastas que não tinha como substituir.

Simone era filha de uma professora de sociologia da Universidade do Rio Grande do Norte e do advogado do Sindicato das Salinas. Chamava-se Simone por causa da admiração que a mãe tinha por Simone de Beauvoir, famosa escritora e feminista francesa. Também tinha 14 anos, era morena da cor de jambo, miúda, cabelos longos e a língua mais solta da classe. Para ela, o sol e a brisa marinha eram os grandes amigos. E adorava doce, carne e tudo quanto a mãe, vegetariana fanática, condenava. Ela se achava o máximo e nem dava bola quando os meninos a provocavam, incomodados com a sua segurança. Só tinha um defeito: às vezes agia como se fosse dona da verdade e ficava insuportável.

Otaviano e Simone atravessaram a avenida. O rapaz queria saber mais sobre a tal da emboscada.

— Mas como é isso de atentado? — perguntou.

— Você não sabe? — cutucou a menina, meio exibida. — É Cido Lima, está até nos jornais! Ele está fazendo a maior campanha para evitar o desmatamento da Amazônia. E tem muita gente que é contra ele, principalmente quem está ganhando dinheiro com isso. Foi o que a minha mãe disse. As feministas estão se organizando para apoiar a causa — concluiu Simone.

Otaviano coçou a cabeça. Parte daquilo que a nova amiga dizia era difícil para ele aceitar. Na casa dele, mulher não se metia a ficar falando de assunto de homem. E muito menos a ser feminista e apoiar causas. O garoto se sentia incomodado com a segurança da colega e lá por dentro uma semente de antipatia começava a brotar.

Virando a esquina, sentada num banco da pracinha, os dois toparam com Dina.

A garota veio ao encontro deles de mãos à cintura.

— Puxa, como vocês demoraram! — reclamou. — Se eu soubesse que iam demorar tanto, eu aproveitava para dar um pulinho na Livraria Universitária pra ver se já chegou o livro que encomendei. De lá ia direto para a casa de Bruno!

Simone desculpou-se. O atraso fora por causa dela.

— Vocês não sabem, mas eu estou preocupada com Bruno! — falou Dina.

— O que aconteceu? — quis saber Simone, que se lembrava muito bem da cara triste de Bruno quando se despediram no portão do colégio, no dia anterior.

— Eu telefonei para Bruno e ele estava péssimo. Disse que estava deprimido e com vontade de largar tudo, até a escola!

— Ora, por quê? — estranhou Otaviano, que não conseguia entender como um cara como o Bruno, que tinha tudo, até aparelho de som no quarto, podia ficar deprimido.

— É que ele não tirou uma boa nota no trabalho de Ciências — revelou Dina.

— Só por isso! — exclamou Simone, escandalizada. — Com tanto problema no mundo e ele fica deprimido só porque não é o primeiro da classe!

Nesse ponto, Otaviano estufou o peito. O primeiro da classe ele sabia muito bem quem era, era ele mesmo...

Dina, ou Dinorah, tinha 13, quase 14 anos. Era mais alta que Simone e Otaviano. Tinha cabelos claros, um rosto bonito, com traços delicados. Todos os garotos da classe e da escola queriam namorar com ela. E ela sabia perfeitamente que era linda. As coisas que mais gostava: livros de poesia e aventura, “produzir-se”, jogar charme para cima dos garotos e, mais do que tudo, ser independente. O seu ideal mesmo era fazer como a irmã mais velha, Cláudia: ir para o Sul estudar e virar jornalista de um grande matutino. A mãe de Dina vivia no *shopping* e o pai já fora secretário de Estado. E ninguém entendia como duas pessoas tão diferentes como Dina e Simone pudessem ser tão amigas.

— Simone, sabe da maior? — exclamou Dina com os olhos brilhando de excitação. — Cláudia está chegando esta semana lá de São Paulo. Ela vem fazer uma reportagem sobre o desmatamento da Amazônia! E o melhor é que ela prometeu me deixar ajudar! Estou tão feliz!

Otaviano coçou a cabeça, aquela era a segunda vez no mesmo dia que alguém falava de Amazônia. Ele estava começando a desconfiar de tanta coincidência. E decidiu que ia ficar atento aos acontecimentos.

3. “UM POR TODOS E TODOS POR UM”

Os três andaram mais vinte minutos e chegaram à casa de Bruno, um casarão de fachada moderna, em cuja garagem estavam três carros.

Foram recebidos por uma empregada, que os levou até a sala onde o garoto assistia à televisão.

— O que acontece, Bruno? — foi perguntando Simone, lançando-lhe um olhar perscrutador. No rosto da menina transparecia o receio de que a depressão do amigo se devesse mais à sua paixão por Dina que à nota baixa na escola.

— Tudo bem — respondeu o amigo, notando Otaviano. Bruno não ia reclamar de nota na frente do outro. — Acho melhor a gente tratar de fazer o trabalho da escola — propôs, desligando o televisor e se encaminhando para a mesa da sala de jantar.

Simone não se conteve e puxou o garoto de lado.

— Você tem certeza que está mal por causa da nota, ou foi o fora que Dina lhe deu? — quis saber a garota.

Bruno deu de ombros.

— Não. É por causa da nota mesmo. De Dina eu acho que gosto como amigo. Meu pai fica me dizendo que eu tenho que ser o melhor da classe, que o meu irmão Sérgio sempre foi o primeiro e que eu devo seguir o exemplo dele. Eu não agüento mais!

Bruno era um garoto moreno, da altura de Dina. Era meio tímido, usava óculos e era de poucas palavras. Vivia aborrecido com as comparações que o pai fazia entre ele e o irmão mais velho, Sérgio, engenheiro espacial do IAE, o Instituto de Atividades Espaciais de São José dos Campos, em São Paulo.

Os quatro colegas sentaram-se à volta da mesa, prontos para iniciar o trabalho que a professora de Geografia pedira.

Bruno foi até o gravador e colocou uma fita. Pressionou a tecla *play* e com um sorriso maroto justificou:

— É mais gostoso estudar com música...

O som contagiante de um *rock* alucinado encheu a sala. Dina, que lia anotações no caderno, levantou a cabeça. O ritmo da música era delicioso. A garota não resistiu e com um salto pôs-se a dançar frenética. Os outros três seguiram o exemplo, inventando uma coreografia louca e esfuziante. Só pararam quando a fita acabou.

— Acho melhor não colocarmos mais nenhuma música — disse Simone voltando à mesa afogueada pelo exercício. E continuou: — Qual vai ser o tema? Eu proponho um trabalho sobre o 8 de março, o dia internacional da mulher, que foi na semana passada.

Os meninos vaiaram. Eles não estavam interessados.

— E se fizermos um trabalho sobre as hidrelétricas que estão sendo construídas aqui na região? — propôs Otaviano. — Um primo meu trabalha na Nortelétrica e pode nos ajudar.

— Nortelétrica? Ah, não — protestou Dina. — A gente podia fazer um supertrabalho sobre Comunicação: a Imprensa e a importância do satélite de transmissão de imagens da Embratel.

Simone ajeitou-se na cadeira. Às vezes ela achava os colegas de escola totalmente fora da realidade brasileira e de seus problemas, “alienados”, como o pai gostava de dizer. E fez nova proposta:

— E se o trabalho for sobre o sindicalismo brasileiro? O que vocês acham? Acho que meu pai pode ajudar.

Aí foi a vez de Bruno protestar. O pai era usineiro e vivia falando mal de sindicalistas e sindicalismo. De vez em quando, Bruno torcia pelos sindicalistas só para ver o pai contrariado. Mas, no fundo, ele não estava interessado em trabalhadores e seus problemas.

Bruno acertou os óculos sobre o nariz, num gesto que lhe era habitual, e disse:

— Proponho que o trabalho seja sobre o Amázonasat, o satélite brasileiro que está sendo discutido em Brasília.



— É de comunicação? — indagou Dina, interessada.

— Acho que não. É ecológico. Sérgio, meu irmão, me contou que está trabalhando nesse projeto e que ele vai ser superavançado, muito mais que o Landsat, o satélite espacial que o Brasil aluga dos Estados Unidos. Ele disse também que o Amázonasat vai localizar direitinho os desmatamentos e as queimadas que estão acabando com a Amazônia.

Simone tamborilou na mesa com os dedos. Ela tinha ouvido falar em casa desse Amazonsat. O pai havia comentado sobre uma discussão em Brasília, no Congresso. Havia um grupo de senadores e deputados federais contra a liberação de verba para terminarem o projeto.

— Puxa, sabe que isso pode ser legal! — comentou a menina. — Meu pai disse que está a maior briga lá em Brasília por causa desse projeto. Minha mãe contou que lá na Universidade não se fala de outra coisa.

Bruno sentiu-se confiante com o apoio de Simone e declarou:

— É tudo por causa de um deputado chamado Cândido Campos. Meu irmão me contou que esse deputado está liderando a oposição ao projeto e vive declarando que, num país em que tanta gente passa fome, um satélite desses é um desperdício faraônico!

Dina lembrou-se do que ouvira a irmã falar:

— Cláudia me contou a mesma coisa. Ela vai até o Pará no fim de semana para fazer aquela matéria especial sobre a Amazônia. Minha irmã disse que o desmatamento é coisa seriíssima!

Nesse momento chegou uma empregada com uma bandeja de suco de mangaba, café com leite, frutas, bolo de milho, pão e manteiga de garrafa. Era a melhor parte dos trabalhos de escola. O grupo se lançou sobre a bandeja com vontade.

Simone serviu-se de uma fatia de pão com manteiga e comentou:

— Acho muito burro esse deputado. O Brasil está cheio de problemas, e não dá para resolver um de cada vez e deixar os outros problemas esperando. A gente tem que ir resolvendo tudo ao mesmo tempo!

Otaviano discordou, enquanto se servia de um pedaço de bolo amarelinho de milho. O garoto não conseguia gostar do jeito afirmativo de Simone. E discordou com energia.

— Não acho que o deputado seja burro. Vocês sabiam que foi ele quem mandou asfaltar a rua lá de casa e pôs luz no bairro todo? Na minha rua todo mundo gosta do deputado Campos.

Simone deu uma gargalhada e quase se engasgou com o pão.

— Claro — retrucou a garota —, o seu bairro é o curral eleitoral dele.

Otaviano levantou-se, ofendido. Ele não aceitava provocação, e muito menos de mulher xingando o bairro dele de curral!

Foi a Dina quem apaziguou, explicando que curral eleitoral era como na política se chamavam as regiões onde um político tinha maioria de votos. E era para lá que eles procuravam trazer melhorias a fim de garantir esses votos.

— Curral porque os políticos tratam os eleitores como gado! — finalizou Dina. — Mas eu também gosto do deputado. A mulher dele é amiga de minha tia e eles são supersimpáticos.

Bruno fez uma careta. O deputado estava atrapalhando o projeto do irmão e só por isso já lhe era antipático.

Simone levantou-se e propôs:

— Acho que já sei qual vai ser o tema do trabalho da escola!

Otaviano adiantou-se:

— O desmatamento da Amazônia!

— É o Amazonsat — concluiu Bruno com energia na voz.

Dina rabiscava uma grade no papel que tinha à frente, em meio ao copo de suco e aos farelos de bolo.



— Vamos organizar esse trabalho. Quem faz o quê. A minha tarefa eu já escolhi: vou com Cláudia até o Pará ver as áreas queimadas e as serrarias clandestinas, que também têm a ver com o desmatamento.

— Então pode escrever meu nome aí e na frente a minha tarefa: ir até o Centro de Lançamento da Barreira do Inferno com Sérgio, para poder escrever sobre o VLS, o Veículo Lançador de Satélites, que vai colocar o Amazonsat em órbita! — exclamou Bruno, sentindo-se importante.

Simone se servia de um pouco de suco de mangaba, enquanto pensava o que faria para ajudar no trabalho. E foi com um verdadeiro salto (que jogou longe o copo de suco) que comunicou ao grupo como haveria de ser a sua colaboração:

— Cambada, sabe o que é que eu vou fazer? Vou entrevistar Cido Lima, o ecologista! Ele vai estar no Sindicato no sábado!

Bruno disfarçou uma torcida de nariz. Aquela Simone tinha cada uma. Ela e a família dela.

— E eu — falou Otaviano —, eu vou falar com meu primo da Nortelétrica. Tenho certeza que ele pode nos ajudar.

Os quatro se deram as mãos. Dina não resistiu e exclamou:

— Um por todos e todos por um!

— Contra todos os perigos! — exclamou Otaviano.

— Contra toda a oposição! — declarou Bruno, lembrando do deputado.

— E apesar de todas as emboscadas! — finalizou Simone, pensativa.

4. TESTEMUNHA OCULAR

No sábado seguinte, Simone montou na bicicleta assim que acabou a palestra do ecologista Cido Lima no Sindicato. Ela estava feliz porque tinha conseguido entrevistá-lo, além de ter conseguido que ele escrevesse uma mensagem em seu caderno.

A garota colocou a mochila nas costas e de um salto montou no selim. Ela tinha idéia de dar um pulo na casa de Otaviano para mostrar o que havia conseguido.

Segundo Cido Lima, o que estava destruindo a floresta era a exploração indiscriminada da madeira, e principalmente, como Simone tinha sublinhado em seu caderno, as queimadas com objetivo de limpar o solo das ervas daninhas para servir de pastagem. O sindicalista contou que havia recebido muitas ameaças de morte por causa de sua luta, mas que não pretendia abandoná-la.

Simone pedalou bem uns dois quilômetros até que a correia escapou da roda dentada, a bicicleta foi perdendo velocidade e ela foi obrigada a deslizar do selim para recolocá-la no lugar. Encostou a bicicleta num poste e pôs a mão na graxa. Virar e mexer aquela correia a obrigava a lambuzar as mãos. Na rua calma e ensolarada, um cão dormitava bem no meio da via. Mais adiante, na carroceria de uma caminhonete, um homem magro dormia embaixo de um chapelão.

Simone terminou de ajustar a correia, limpou as mãos num pedaço de estopa que trazia na mochila especialmente para aqueles casos e dispôs-se a continuar caminho. Foi quando viu surgir na dobra da esquina o fusquinha vermelho do Sindicato com o ecologista Cido Lima dentro. A garota ia acenar, quando percebeu que o homem sob o chapelão se levantava com agilidade. O fusquinha passou sem que ela desse sequer um tchau para o ecologista. O carro do Sindicato tomou a direita e Simone viu a caminhonete pôr-se em movimento, atrás do Volkswagen. Ela não sabia por que, mas havia algo suspeito naquele movimento do homem de chapéu.

A garota não perdeu tempo, saltou sobre o selim e tratou de pedalar com todas as suas forças. Alguma coisa estava prestes a acontecer. Dobrou a esquina com um cavalo-de-pau e, com os pneus reclamando do esforço, jogou a bicicleta para o ponto em que estavam os carros. Ali na frente, ela sabia, a rua se estreitava.

Mas Simone foi obrigada a dar uma brecada brusca, que lhe pôs a correia fora dos eixos outra vez. Lá, adiante, a caminhonete emparelhava com o carrinho, jogando sua frente possante sobre ele e fechando-lhe a passagem.

O homem do chapéu pulou da carroceria com determinação e, aproximando-se da janela do ecologista, descarregou a metralhadora em cima de Cido Lima e do motorista. Simone viu a cabeça do ecologista cair para trás, como se oferecesse o peito aberto à morte que ele tantas vezes desafiara em sua luta. No instante seguinte, o pistoleiro atirava-se para dentro da boléia e a caminhonete arrancava com velocidade do local da emboscada.

Na rua, antes calma, começava a juntar gente. Um menininho cutucou Simone:

— Moça, moça, o que aconteceu?

Só então Simone se deu conta de que muito tempo se passara depois do atentado e ela ainda estava lá, paralisada pelo choque. A menina balbuciou o que ela pensou ser uma resposta, arrumou a correia outra vez e pedalou de volta para casa. Ela sentia os braços e as pernas tremendo. Parecia que não ia conseguir chegar em casa nunca e nem entender direito o que acontecera. Ela se sentia zozza de surpresa e horror. E pequena, impotente. Meio insegura.



5. UM DESASTRE ECOLÓGICO

Enquanto Simone pedalava sua bicicleta, assustada com o que vira, Dina sobrevoava a mata num pequeno avião. Aquela selva parecia nunca mais acabar. A garota contemplava pela janela o verde forte dominando o horizonte. Seu coração bateu emocionado. Ali embaixo viviam animais e plantas que ela nunca vira, macacos, onças, orquídeas delicadas, cipós vigorosos: um universo de espécies diferentes ameaçado de extinção.

Ali também viviam os indígenas, retirando da floresta seu sustento, dizimados pelo garimpo e pela colonização que os ameaçava desde que Cabral aportou por essas praias com ideais de conquista e um olho em nossas riquezas.

— Olhe, olhe lá — chamava Cláudia.

Dina precipitou-se para a janela onde estava a irmã. Adiante avistava-se uma grande extensão de cinzas, madeira queimada, tocos de árvores retorcidos pelas chamas, ainda fumegando com as brasas da desolação.

— Que horrível! — exclamou a garota. — Por que isso?

Júlio, o fotógrafo, clicava sua máquina, registrando a mata devastada.

— Para criar pastagens para o gado — explicou Cláudia. — Você sabia que essas queimadas podem alterar o clima do mundo? — comentou, enquanto tomava notas num bloco.

O avião prosseguiu sua rota e meia hora mais tarde o piloto avisava que estavam sobrevoando a hidrelétrica de Balbina:

— Podem crer que esse é o maior desastre ecológico da Amazônia em todos os tempos! — anunciou o piloto de sua cabine.

Júlio voltou a clicar sua máquina com energia. Cláudia retornou ao seu bloco de anotações. Dina, chocada, repetia:

— Que horrível!

Duas horas mais tarde, Dina passeava sozinha pelas margens do Amazonas, enquanto Cláudia e Júlio acabavam de entrevistar alguns funcionários de uma serraria clandestina. A garota se sentia feliz. Era aquilo que ela queria fazer mais tarde: virar uma jornalista superótima, do tipo que se intromete e faça tudo. Como a irmã. Suspirou satisfeita. Ela nem podia acreditar que estava no Pará, ajudando numa matéria jornalística.

Dina observou a serraria, que recebia balsas e balsas carregadas de toras. Ela estava horrorizada. E não se conteve: fez o comentário em voz alta.

— Isto devia ser proibido!

Um funcionário que estava perto da garota retrucou:

— E nós vamos viver do quê?

Dina atrapalhou-se.

— Mas vocês não podem destruir a mata do jeito que estão fazendo!

O funcionário balançou a cabeça, em dúvida:

— Talvez haja outras formas melhores de explorar as riquezas da região, mas quem nos contratou explora desse jeito. Eu tenho filhos para criar e não posso rejeitar trabalho.

E o funcionário afastou-se, deixando Dina sem palavras.

A menina bem que tinha vontade de saber quem é que contratava os trabalhadores para dizer-lhe umas boas verdades. Como ela gostaria de saber! E foi atrás do funcionário para lhe fazer a pergunta.

Ouviu-se um ronco de avião. A garota ergueu os olhos e deparou-se com um avião pequeno como o que a trouxera e que se preparava para pousar no campo próximo. Quem seria? Dina ainda se perguntava, quando o funcionário com quem havia conversado apareceu de volta, dirigindo um jipe.

— Aonde você vai? — quis saber a menina.

— Até o campo de pouso, pegar o patrão. — E acelerando forte, deixou a garota envolta numa nuvem de poeira.

Dina fechou os olhos para evitar que algum cisco entrasse neles. E decidiu que ia conhecer o homem que era responsável por aquela devastação medonha.



6. IRMÃOS E GRANDES AMIGOS

Naquele mesmo sábado em que Dina visitava a serraria clandestina, Otaviano levantou-se cedo, em silêncio para não acordar os outros irmãos, que dormiam. Na cozinha encontrou com Marialva, que já preparava o café para todos.

Marialva era a irmã mais velha, garota inteligente e esperta. Os dois irmãos eram grandes amigos. Às noites, Otaviano ensinava-lhe o que havia aprendido na escola, já que ela só havia feito a primeira série. Os pais haviam decidido que a moça deveria ficar em casa para ajudar a cuidar dos irmãos menores. Marialva sentia, às vezes, que aquela decisão era injusta. Ela adorava estudar, mas estava destinada a passar a vida fazendo trabalhos domésticos.

— O que aconteceu, caiu da cama? — comentou.

Otaviano serviu-se de um pouco de café numa caneca, sem dizer palavra. Pegou um pedaço de pão que a irmã colocara sobre a mesa e disse:

— Preciso falar com primo João.

A irmã também se serviu de uma caneca de café e sentou-se junto à mesa de madeira disposta a conversar um pouco.

— Ele deve vir hoje. Está sempre por aqui... O que você quer dele?

Otaviano contou-lhe do trabalho de escola. Marialva seguia suas palavras com entusiasmo e uma ponta de inveja. Ela adoraria estar num grupo de trabalho como aquele.

A moça cortou um pedaço de pão e, lembrando de algo, voltou-se para o irmão:

— Adivinha quem apareceu ontem? Alexandre! Pediu pra ficar uns dias aqui, até se ajeitar. O pai disse que sim, que ele podia vir hoje mesmo.

Otaviano sorriu. Ele gostava do Alexandre e não via o amigo desde que este partira para Carajás.

— Onde será que ele está agora?

7. NA BARREIRA DO INFERNO

No sábado Bruno acordou no maior entusiasmo, vestiu-se rapidamente e bateu na porta do quarto do irmão:

— Eu já estou pronto, podemos ir?

O irmão, que ainda dormia, deu um grunhido nada amigável e virou-se para o outro lado da cama. Bruno insistiu.

— Estou com sono, não enche! — cortou Sérgio.

Bruno fechou a porta do quarto do irmão e encostou-se na parede, sentindo-se desanimado e confuso. Ele tinha passado a semana inteirinha sonhando com aquela visita ao Centro de Lançamento, até esnobara a turma, e agora... agora não sabia se o irmão ia levá-lo ou não. Tinha vontade de entrar outra vez no quarto e cobrar do irmão a promessa, mas não se atrevia. E agora? indagava-se, escorregando as costas parede abaixo até ver-se de cócoras no chão. Fazia tanto tempo que Sérgio não morava mais com eles, que ele às vezes sentia medo do irmão, de suas reações desconhecidas, que ele não conseguia entender. O que fazer?

Neusa, a empregada, passava nesse momento pelo corredor.

— O que é que você está esperando, parado aí, menino? — perguntou de modo familiar.

— Fui acordar o Sérgio para ir à Barreira, mas ele está dormindo e me mandou embora. Acho que esqueceu que ia me levar hoje.

Neusa abriu um sorriso. Ela conhecia o rapaz desde pequeno e sabia que ele costumava acordar mal-humorado. Só melhorava depois de uma xícara de café com leite e um copo de suco de laranja.

— Vamos preparar um café e um suco bem gostosos e você vai ver como ele amansa! — garantiu ela.

Bruno hesitou. Morria de medo do irmão botá-lo para fora com bandeja e tudo e, ainda por cima, não cumprir a promessa. Mas Neusa o empurrou para a cozinha e tratou de animá-lo.

Finalmente, Bruno, escudado por uma bandeja com café e suco de laranja, preparou-se para despertar o irmão.

— Olha o café! — anunciou. Um cheiro saboroso desprendia-se daquela bandeja. Impossível resistir àquele despertar. Sérgio sentou-se na cama bem-disposto.

— Ah, que delícia — exclamou o cientista, enquanto provava o suco de um amarelo-ouro e sabor precioso.

— Já estou pronto para ir à Barreira do Inferno — aventurou-se Bruno.

O irmão sorriu satisfeito, concordando.

Uma hora mais tarde, os dois rodavam pela RN 063, que leva a Pirangi, num “selvagem”, isto é, um buggy, perfeito para o clima forte do Nordeste e para vencer as dunas de areia que embelezam as suas praias.

— O mais importante desse projeto — contava Sérgio — é a agilidade do Amazonsat em fotografar e localizar com exatidão os pontos de queimada ou desmatamento ilegal e acionar imediatamente a polícia florestal e federal. Com a nova legislação aprovada, os infratores receberão multas pesadíssimas, que acabarão com seu lucro fácil e desonesto. O satélite poderá mostrar pistas de pouso e os garimpos em reservas indígenas. Os ecologistas consideram que o satélite será um passo importante na preservação da Amazônia.

Vinte minutos depois, o “selvagem” alcançava o Centro de Lançamento da Barreira do Inferno. A carcaça de um foguete Sonda marcava a entrada. Sérgio embicou o carro à esquerda, apresentando ao guarda sua credencial. Bruno se sentia importantíssimo, visitando a Barreira ao lado do irmão. Todos tratavam Sérgio com amizade e admiração.

— Do outro lado da estrada fica a estação de rastreamento. É ali que o Centro acompanha a trajetória de satélites de outros países, que pagam ao Brasil por esse serviço.

— Sérgio, quero ver a base de lançamento de onde vai sair o VLS. Estou louco de vontade de conhecer a casamata por dentro! — pediu Bruno, excitado.

O garoto notou que no Centro as ruas tinham nomes de foguetes. Sérgio dirigiu para um ponto alto, de onde podiam divisar o mar à direita, mais à esquerda a área de lançamento dos foguetes e à frente a mata baixa circundando por quilômetros o Centro.

Sérgio apontou o mar lá embaixo e uma elevação abrupta de terra que se erguia ameaçadora sobre as ondas. O cientista contou que para alguns o nome Barreira do Inferno estava ligado às dunas de areia avermelhada, mas, para outros, evocava o naufrágio de um grande barco.

— Contam que morreram todos a bordo e muitos dos corpos nunca foram encontrados. E por isso suas almas perambulam pelas praias à noite.

Bruno sentiu um calafrio.

Em seguida, Sérgio mostrou o local onde ficavam as bases de lançamento dos foguetes.

— Uau, que fantástico! — exclamou Bruno, extasiado. — Olha lá a casamata — falou, apontando uma construção baixa e circular que despontava no chão.

Sérgio explicou que era dali, daquele abrigo sob a terra, que saíam os comandos que disparavam os foguetes.

— E aquela caixa alta ali? — quis saber Bruno.

— É o hangar móvel. É ali que o VLS está sendo montado. No dia do lançamento, o hangar vai deslizar pelos trilhos, descobrindo o foguete já montado, pronto para os testes finais. Para colocar o

Amazonsat em órbita é preciso um foguete de três estágios, movido a propelente sólido e com quatro motores iguais aos do segundo estágio do Sonda IV. Os testes de ensaio de vôo estão sendo feitos com um modelo reduzido aqui em Natal. Depois desse teste, o vôo com o modelo em tamanho normal partirá do Centro de Lançamento de Alcântara, no Maranhão.

Bruno pediu para descerem até a área de lançamento. Ele queria ver de perto a casamata e as bases de onde saíam os foguetes.

8. CONTAR OU NÃO CONTAR

Na segunda-feira a turma só conseguiu se reunir na hora do recreio para contar cada qual a sua aventura e o que descobrira.

— Vocês não imaginam o que eu vi! — foi dizendo Dina.

— E vocês souberam que mataram Cido Lima? — interrompeu Otaviano, encarando Simone. Ele se lembrava muito bem que a garota prometera fazer de tudo para evitar a emboscada. Toda aquela onda, e afinal...

Bruno pediu para ninguém contar nada até que ele voltasse da cantina, onde ia comprar um pastel. Dina decidiu que ia também, e a conversa sobre o que cada um havia visto no final de semana foi adiada para depois das aulas.

Sentados nos banquinhos baixos e meio bambos da sorveteria próxima à escola, os quatro puseram-se a contar as novidades.

— Vocês não imaginam o que eu vi! — voltou a dizer Dina, logo interrompida por Simone.

— Coisa pior do que eu vi, impossível!

— Será? — duvidou a garota, lembrando os desastres das queimadas e as toras descendo os rios.

Bruno, que chupava um sorvete de coco, comentou:

— Vocês viram que mataram Cido Lima!

— Eu consegui entrevistá-lo para o nosso trabalho; ele até escreveu uma mensagem no meu caderno! — adiantou Simone. — Olhem!

A turma debruçou-se sobre a página que a menina mostrava. Ali, impressa em letra corrida, as últimas frases do ecologista:

“Ninguém pode, em sã consciência, desobrigar-se de cuidar da Terra, dos que a habitam: animais, plantas, rios e mares... A sobrevivência no Homem depende da sobrevivência da Natureza que o abriga.”

Dina, que não sabia de nada, pediu que lhe contassem o que acontecera com o ecologista. Bruno explicou. E finalizou:

— Saiu na televisão que a polícia está procurando testemunhas do assassinato. Eles acreditam que alguém pode ter visto a emboscada e poderá ajudá-los a encontrar o assassino.

Simone permaneceu em silêncio. Ela percebia que estava empalidecendo. Só ela sabia o que fora chegar em casa, gaguejar para os pais o terror do crime. E quando a noite chegou, descobrir que não

conseguia dormir e que o escuro do quarto tinha cor de sangue e susto. No final, ela se levantara da cama e voltara a fazer como antigamente: dormir entre o pai e a mãe.

Os pais haviam ficado preocupados e a proibiram de comentar o ocorrido com quem quer que fosse. Na hora, a garota até reclamara, dizendo que assim não poderia ajudar a polícia.

Mas o pai achava que antes disso, o pistoleiro poderia ser avisado por algum informante dentro da própria polícia, ou então pelo noticiário, e Simone estaria correndo risco de vida. O pai pediu um tempo para pensar na melhor saída. Na verdade, Simone sentia-se dividida: contar ou não contar?

— Você não viu nada? — perguntou Otaviano à garota.

Simone respondeu que não, numa voz trêmula que não passou despercebida a Dina. Mas a amiga limitou-se a fitá-la com um olhar intenso de interrogação. O que Simone estaria escondendo? E por quê?

Dina tratou de mudar o rumo da conversa, contando o que vira.

— Como você conseguiu entrar numa serraria clandestina? — quis saber Bruno, curioso.

— Cláudia negociou com eles: ela vai fazer a matéria, mas não vai revelar o local da serraria. Eles toparam, com a condição de que ela falasse dos empregos que o negócio deles traz à região.

— Eu não trabalharia numa coisa que está devastando a floresta — declarou Simone com energia.

Dina balançou a cabeça:

— Se você e seus filhos estivessem passando fome, queria ver!

— Então está na hora de levarem para a Amazônia trabalhos que as pessoas possam fazer sem ter dor de consciência — resmungou Simone, decidida.

Otaviano contou o que seu primo que trabalhava na Nortelétrica lhe revelara:

— Em Balbina, eles inundaram a mata sem retirar árvores, plantas ou animais — explicou Otaviano. — Nem sequer trataram de aproveitar a madeira. E deu no que deu: as árvores e a floresta apodreceram embaixo das águas do lago e acabaram soltando gás metano, que mata os peixes e deixa a população ribeirinha sem sustento. O pior é que a hidrelétrica não consegue abastecer nem a cidade de Manaus! Apesar do tamanho do lago ser igual ao de Tucuruí, a água é pouca e produz trinta vezes menos energia.

Bruno puxou um jornal de dentro da mochila. Uma manchete pequena revelava que o deputado Campos fora derrotado na votação em Brasília e que, portanto, a verba para o Amazonsat iria ser liberada.

— Com isso, o Amazonsat deve entrar logo, logo em órbita e vai poder mostrar, muito bem mostrado, os focos de queimadas e os desmatamentos provocados pelas serrarias clandestinas! E a polícia florestal vai poder agir imediatamente.

Dina sorriu.

— Aposto que quem não vai gostar desse Amazonsat é o dono da serraria que eu visitei... Não entendo como um cara tão bonito e charmoso como aquele pode se meter num negócio desses! — comentou a garota com um suspiro.

Dina ia perguntar a Bruno como fora a visita à Barreira do Inferno, quando Marialva chegou, atrás do irmão.

— Otaviano, Alexandre está lá em casa querendo saber de você.

Otaviano despediu-se.

Ficou combinado que eles se encontrariam na escola no dia seguinte.

9. DE AMIGA PARA AMIGA

Dina esperou que Bruno as deixasse sozinhas para interrogar a amiga:

— Simone, eu sei que você está escondendo alguma coisa. Eu conheço você muito bem! O que é?

— Nada, não é nada — apressou-se a dizer Simone, com a voz estrangulada.

Dina lançou sobre a amiga um olhar desconfiado.

— Não acredito. Olha só as suas mãos, Simone! Elas estão tremendo!

Simone escondeu as mãos atrás das costas rapidamente e, depois, dando-se conta da obviedade do gesto, cruzou-as sobre o peito. Dina interpretou isso como sendo uma atitude defensiva.

— O que é que você queria dizer com aquilo de impossível eu ter visto coisa pior? — insistiu Dina.

Simone percebeu que havia se traído e que provavelmente não conseguiria ficar de boca fechada por muito tempo. A menos que pudesse dividir com alguém aquele terrível segredo.

— Conte, conte — forçou Dina. — Pode confiar em mim!

Simone examinou a sorveteria. Estava cheia àquela hora.

A garota apenas cochichou ao ouvido da amiga:

— Psit. Pegue suas coisas e me siga.

As duas caminharam em silêncio um bom tempo até chegarem à praia. Diante do mar verde e do horizonte azul, Simone sentiu-se mais segura para revelar seu segredo.

Instalaram-se sobre uma pedra larga que aflorava na areia fofa. Uma esquadrilha de caça sobrevoava a cidade. Na capital espacial brasileira, como Natal é conhecida, os aviões de caça vivem cortando os ares, numa operação de vigilância de nossas águas e ares. As meninas acompanharam o vôo das naves por um instante.

Simone esperou a esquadrilha afastar-se para começar a falar.

Ao final do relato, Dina não conseguia esconder sua surpresa e seu receio.

— Puxa, pelo visto esse assunto de Amazônia é mais sério e mais perigoso do que parece. Acho que seus pais têm toda razão. Melhor ficar calada. Aqui, até a brisa tem ouvidos...

Simone sentiu um calafrio.

As meninas permaneceram em silêncio um bom tempo. Finalmente, Simone avisou:

— O enterro de Cido Lima vai ser amanhã, no Pará. O Sindicato pretende fazer um cortejo fúnebre e carregar o caixão com a bandeira nacional até o avião que vai levar o corpo. Eles querem movimentar o maior número de pessoas e conseguir que a imprensa do País todo noticie. As feministas disseram que vão participar. A Ordem dos Advogados e as entidades ecológicas também vão. Você não quer ir comigo? Acho que é superimportante!

Dina prometeu que iria. E avisaria Cláudia. Isto é, se ela já não soubesse e não estivesse programada para fazer a reportagem.

— Ei, espere, Simone. Você toparia dar uma entrevista para Cláudia sobre o que viu? — perguntou Dina.

Nesse momento Simone zangou-se. E pondo as mãos na cintura, reclamou:

— Você é engraçada, Dina. Acaba de me dizer que é importante ficar calada e já quer que eu dê uma entrevista para a sua irmã! Está louca?

Dina, que brincava com um punhado de areia, passando de uma para a outra mão, deixou-a escorrer pelos dedos e declarou, defendendo-se:

— Você não entendeu, Simone. Minha irmã não vai contar para ninguém que a testemunha é você. Em linguagem jornalística, isso significa que ela não vai “revelar a fonte”.

— Será que não? — duvidou a amiga. Além do que, ela não achava nenhuma graça em ser tratada como fonte...

Dina levantou-se com energia.

— Vamos fazer o seguinte: você pensa bem. Se mudar de idéia, é só me falar.

10. NOVAS AMEAÇAS

Todas as entidades ligadas aos direitos humanos, sindicatos, ecologistas e feministas participaram do cortejo fúnebre, carregando o caixão de Cido Lima com a bandeira nacional. A imprensa deu grande destaque ao evento, líderes de movimentos populares fizeram declarações lamentando a morte do ecologista, enaltecendo sua luta e exigindo punição para os culpados. O Jornal das Oito encerrou o programa com a imagem congelada do avião decolando rumo ao Pará, onde se daria o enterro, no dia seguinte.

Após o cortejo, Dina aproveitou para apresentar sua irmã à amiga. Simone observou Cláudia: será que dava para confiar nela? perguntava-se a garota.

A jornalista era uma moça bonita e seus traços lembravam Dina. Ou era Dina que lembrava Cláudia? Tinha cabelos castanhos, era esbelta e dona de um olhar vivo e inteligente. Parecia estar sempre alerta, sempre pronta a descobrir uma notícia, ali, no momento exato em que acontecesse. Vestia-se com jeans da moda, uma camiseta transada e tênis. E parecia confiável, pelo menos foi o que Simone concluiu. Mas nem por isso a garota se decidiu a dar a entrevista. Queria pensar um pouco mais e, talvez, consultar a mãe.

— Simone, Dina me disse que você foi uma das últimas pessoas a conversar com Cido Lima e que ele escreveu uma mensagem em seu caderno. Você me mostra e me deixa publicar? — pediu a jornalista.

A garota verificou, com alívio, que Dina tinha mantido a palavra de não contar para ninguém, nem para a irmã, que ela era testemunha do crime. E atendeu o pedido, mostrando o caderno para Cláudia. Júlio, o fotógrafo, aproveitou para tirar uma fotografia da página em que o ecologista escrevera suas últimas palavras. No dia seguinte, aquelas frases viriam publicadas com o significativo título de “O testamento de Cido Lima”.



Minutos antes do início da aula, Dina e Simone, que se sentavam em carteiras próximas, cochichavam sobre os acontecimentos da véspera. Dina insistia:

— Você ainda não decidiu sobre a entrevista? É o maior furo de reportagem, menina.

Simone balançou a cabeça vigorosamente e respondeu num sussurro determinado:

— Mas pode ser também o maior furo na minha cabeça, desses de espingarda para matar elefante!

Nisso, uma pitomba atravessou a classe descrevendo uma linda curva e veio bater na cabeça de Simone. A menina deu um salto, esfregando a parte dolorida enquanto procurava a frutinha e tratava de arremessá-la de volta ao autor do disparo: Otaviano.

— O que vocês estão cochichando? — perguntou o garoto curioso, massageando o ombro atingido pela pitomba de Simone.

Nesse momento entrava na classe a professora de português, seguida por Bruno. Este estampava no rosto uma palidez tremenda e nos olhos uma expressão arregalada de susto.

Mas Otaviano, Dina e Simone foram obrigados a esperar até o recreio para saber o que tinha acontecido.

Bruno pôs um dedo sobre os lábios, pedindo silêncio, e levou o grupo até um canto distante e seguro do pátio. A cor já tinha voltado ao seu rosto, mas a expressão de susto ainda estava lá. E o garoto contou:

— Hoje cedo eu estava no quarto do meu irmão, conversando com ele e tentando convencê-lo a me deixar assistir o lançamento do VLS lá da casamata. Ele estava fazendo a barba e resmungando: “Não adianta insistir, Bruno, não posso levar você. É o regulamento!”. Eu continuei pedindo, mas o meu irmão

é mesmo um chato. Continuava dizendo que não, quando o telefone tocou. Eu fui atender. Se eu soubesse, teria ficado quieto no meu lugar! — exclamou Bruno, fazendo em seguida uma pausa para tomar fôlego.

Otaviano e as meninas agitaram-se.

— Conte, conte! — mandavam, ardendo de curiosidade.

Bruno prosseguiu.

— Atendi o telefone e do outro lado uma voz estranha, meio abafada, disse: “Pare o projeto espacial, se quiser continuar vivendo. Este é um conselho de amigo”. E desligou. Eu fiquei parado, como uma pedra, segurando o fone. Sérgio precisou vir e tirar o aparelho da minha mão. Eu nem conseguia falar direito. Ele ficou superbravo na hora. Branco e bravo, por causa do que falaram no telefone. No começo ele não queria acreditar, achava que era brincadeira de mau gosto... Pra mim, aquilo era uma ameaça e das piores!



— E o que o seu irmão pretende fazer? — quis saber Otaviano.

Bruno deu um suspiro.

— Por enquanto, nada. Mas ele disse que não vai abandonar o projeto. Lá em casa está todo mundo apavorado. Minha mãe também atendeu uma outra chamada com a mesma ameaça. Meus pais estão pedindo para Sérgio largar esse trabalho, mas o meu irmão é teimoso. Diz que não acredita em ameaças e que esse projeto é muito importante para o País.

O sinal anunciando o fim do recreio tocou. O grupo combinou de voltar a se encontrar na sorveteria, logo depois das aulas. Eles tinham que combinar a redação do trabalho para entregar à professora.

A turma reuniu-se à volta de uma mesa. Dina brincava com o canudinho de seu suco, enquanto pensava na ameaça do telefone. À sua frente, Simone, nervosa, tamborilava os dedos na mesa. Muito estranha aquela ameaça, refletia. De repente, Dina levantou os olhos para a amiga e, fitando-a com intensidade, sussurrou:

— Você não está pensando o mesmo que eu, está?

Simone tentou disfarçar, mas acabou concordando, num aceno de cabeça.

— Do que é que vocês estão falando? — perguntou Otaviano, que estava prestando atenção às duas.

Bruno, que vinha com um copo enorme de suco de maracujá, também quis saber do que se tratava.

— Eu vou contar — avisou Dina.

— Não! — gritou Simone.

— Só uma parte: eu acho que quem matou Cido Lima é o mesmo cara que está ameaçando Sérgio pelo telefone!

Bruno tomou um gole grande de seu suco. Maracujá é bom para acalmar os nervos. E falou:

— Talvez você tenha razão. Se não for o mesmo homem, deve ser da mesma gangue.

Otaviano servia-se de um cacho de pitombas comprado na frente da escola e tratava de chupar o caroço até o fim. Ele nunca tinha dinheiro para tomar suco.

— Será? — indagava-se.

— Claro — exclamou Simone, refeita do susto. Por um momento ela rezeira que Dina contasse o seu segredo. — Claro que deve ser do mesmo grupo. Porque esse projeto vai contra os interesses de muita gente: de quem faz as queimadas, das serrarias clandestinas... Deve ter muita gente querendo explodir o projeto — comentou a garota, pensativa.

Bruno tomou outro gole de seu suco e, mais tranqüilo, observou:

— Depois que eles perderam a votação em Brasília, devem estar mudando para outros métodos.

— E que métodos! — arrepiou-se Otaviano.

— Será que eles vão conseguir boicotar o Amazonsat? — perguntou Simone.

— NÃO! — exaltou-se Bruno. — Eles não podem fazer isso!

— Depois que conseguiram emboscar Cido Lima, eu acho que eles são capazes de qualquer coisa! — concluiu Dina.

O grupo ficou em silêncio, ruminando um sentimento esquisito de incapacidade, como se uma pedra gigantesca houvesse sido lançada na frente do caminho.

Meu Deus — exclamou Bruno, tomado de um calafrio que lhe entrava pela espinha e gelava o coração. — Será que eles vão tentar fazer com Sérgio o mesmo que fizeram com Cido Lima?

Novo silêncio. Dina falou:

— Pelo jeito, sim.

— E já começaram — acrescentou Simone. — Foi assim com Cido Lima. Primeiro eles avisam.

— Bem, pelo menos são legais: eles avisam — comentou Otaviano, sem pensar no que estava

dizendo.

Bruno deu um salto, indignado com as palavras do colega.

— O que você está dizendo? Ô, Otaviano. Legais coisíssima nenhuma. A gente tem que fazer alguma coisa. Não quero que matem o meu irmão!

Dina olhou o relógio.

— Tenho que ir. Eu acho que cada um deveria escrever sua parte no trabalho e amanhã a gente junta e entrega para a professora. Tudo bem?

— Não sei se vou conseguir para amanhã — reclamou Bruno. — Estou sem cabeça para fazer trabalho.

— Então vai ficar sem nota também — avisou Simone.

Bruno fez uma careta.

— Por que seu irmão não contrata um guarda-costas ou pede proteção policial? — perguntou Dina ao garoto, levantando-se.

Os outros também se levantaram, já era hora de ir para casa almoçar.

Simone pediu atenção:

— Temos que nos organizar. No caso de Cido Lima, todo mundo ficou rouco de tanto dizer que não ia permitir que o matassem. Mas ninguém fez nada. Vamos fazer alguma coisa, então.

Bruno ficou esperando, com uma expressão de desafio no rosto, como quem diz: “O que nós podemos fazer, afinal?”.

Dina apanhou seus cadernos com vagar, pensativa. E declarou:

— Podemos marcar uma reunião, amanhã, depois do colégio, para combinarmos.

Bruno deu uma gargalhada nervosa.

— Reunião não resolve nada.

— Esta vai resolver. Primeiro, você insiste com o seu irmão para pedir ajuda policial. Simone podia falar com o pessoal do Sindicato e com as feministas, para todos pensarem juntos numa solução.

— E eu vou tentar descobrir se apareceu algum pistoleiro na cidade. O pessoal do meu bairro sempre sabe — anunciou Otaviano.

Dina voltou a olhar o relógio.

— Eu vou acompanhar Cláudia numa entrevista que o deputado Campos vai dar à imprensa. Vou

ver o que eu descobro.

Os olhos de Bruno brilharam.

— Posso ir com você?

Dina coçou a ponta do nariz. Em seus olhos lia-se indecisão. Ela não sabia se Cláudia ia topar.

— Eu telefono assim que falar com a minha irmã. Se ela deixar, você vem junto.

E os quatro se separaram, convencidos da importância do que tinham combinado: organizar-se e recolher informações para evitar mais uma emboscada, o fim de Sérgio.

11. O IRMÃO DO “FULANO DE TAL”

Dina ajeitara-se sobre o braço de uma poltrona e, balançando um pé contra o outro, pensava em como pedir a Cláudia para levar Bruno à entrevista. A irmã datilografava uma matéria na velha máquina de escrever.

— Dina, quer parar de fazer barulho! Assim eu não consigo me concentrar — pediu Cláudia sem tirar os olhos do teclado.

A garota parou um instante e coçou o nariz, embaraçada. A irmã datilografava rapidamente, apesar de usar só quatro dedos. Dina encheu-se de coragem e fez o pedido.

— Ah, não, Dina — protestou a irmã. — Levar mais um amigo seu!? Aquilo vai ser uma coletiva de imprensa, não uma sessão da tarde. Não levo.

Sem perceber, Dina voltou a bater um pé contra o outro, num claro sintoma de nervosismo. Mas apressou-se a interromper o tique ante o olhar fulminante da irmã em sua direção.

A menina suspirou, cruzou as pernas para que os pés não cedessem à tentação do movimento nervoso e pensou. E pensou. E teve uma idéia.

— Cláudia — começou Dina — , esse meu amigo, Bruno... Você sabia que ele é irmão...

A jornalista suspendeu o trabalho com um gesto exasperado: Dina, você sabe muito bem que eu não suporto essa mania de “você sabe com quem está falando” ou “ele é filho de não sei quem” ou “irmão de fulano de tal”... Mesmo que esse seu amigo seja irmão do Presidente da República, ele não vai à coletiva! E agora me deixe trabalhar.

Dina descruzou a perna.

— Posso só terminar? — pediu numa voz propositadamente delicada.

A irmã deu um profundo suspiro e resignou-se a ouvir.

— Bruno é irmão do engenheiro responsável pelo projeto Amazonsat. Quem sabe ele consegue uma entrevista do irmão para você?

*

Eram três horas da tarde quando Cláudia, acompanhada por Dina e Bruno, se apresentou no auditório de um prédio comercial no centro da cidade, onde o deputado tinha seu escritório político e onde seria a entrevista coletiva à imprensa.

— Não grudem em mim, que eu tenho de trabalhar. E você, Dina, não se meta a fazer perguntas. A coletiva é só para jornalistas.

Cláudia afastou-se em direção a uma rodinha de repórteres que conversavam animadamente enquanto aguardavam a chegada do deputado Campos.

— Puxa, que bom que você convenceu a sua irmã. Eu estava louco para ver esse deputado de perto, cara a cara — comentou Bruno, acertando os óculos no nariz.

— Só que você tem de cumprir a sua parte no acordo: convencer Sérgio a receber a minha irmã e conceder-lhe uma entrevista exclusiva!

O garoto assentiu. Não deixaria o irmão em paz enquanto ele não falasse com a jornalista.

Nesse momento, um burburinho percorreu a sala. Era o deputado Campos, que entrava por uma porta lateral acompanhado de um assessor. Os jornalistas fizeram silêncio por um instante. O espocar de um *flash* fotográfico rompeu a expectativa dos presentes. Um veterano repórter levantava-se para fazer a primeira pergunta.

12. ENTRADA PROIBIDA A ESTRANHOS

A entrevista, que se iniciara com certa cordialidade de parte de entrevistado e entrevistadores, começou a tornar-se tensa quando Cláudia fez sua pergunta:

— Deputado, o senhor combateu no Congresso a liberação de verba para o Amazonsat sob pretexto de que o País deve ter outras prioridades, tais como educação, cesta básica...

— Alto lá — interrompeu o parlamentar, ofendido. — Educação e alimentação não são pretextos, são razões, razões!

Cláudia assentiu com a cabeça e prosseguiu:

— ... no entanto, deputado, a preservação da Amazônia e o uso racional do solo e de suas riquezas também é questão nacional. O Amazonsat poderá fiscalizar atividades clandestinas, como o corte ilegal de árvores e as queimadas predatórias, que beneficiam uns poucos que agem na clandestinidade e que oferecem subempregos, sem registro em carteira ou salário mínimo, além de sonegar o imposto que sustenta a educação. O senhor aceita essa situação?

Um outro jornalista se levantou e fez a pergunta seguinte, sem esperar a resposta à pergunta de Cláudia:

— Deputado, dizem que o senhor foi um dos que mais lutou pela construção da hidrelétrica de Balbina. Esse dinheiro desperdiçado numa obra tão desastrosa não seria melhor empregado em escolas e hospitais? Como o senhor justifica essa incoerência?

Nesse momento, o deputado levantou-se da cadeira em que estava sentado. Vermelho e de dedo em riste, avançou na direção dos repórteres. Depois, dando-se conta do desatino do gesto, recolheu o dedo congelado no ar e sentou-se, pedindo um copo de água. Em seguida, passou a discorrer sobre tudo o que já fizera em prol do povo, desde o seu primeiro mandato, como vereador.

Dina bocejou ostensivamente.

— Já que ele não tem como responder, passou a enrolar — declarou a menina com ares de veterana.

Bruno estava por conta.

— Muito esperto. Ainda bem que foi derrotado e que o satélite vai sair.



Dina consultou o relógio.

— Vamos dar um passeio por aí — sugeriu. — Esta entrevista está muito sem graça.

Bruno concordou na hora. Se ele ficasse um minuto mais na coletiva, era bem capaz de gritar umas boas verdades para o deputado...

E os dois escapuliram para o corredor de saída do grande auditório. Lá fora, Dina propôs:

— Vamos descer até o quinto andar?

— O que tem no quinto andar? — quis saber Bruno.

Dina fez um ar de mistério e cochichou no ouvido do amigo, baixinho para que ninguém ouvisse:

— Lembra que o elevador parou num andar que tinha um aviso assim: “Entrada proibida a estranhos”...

Dina e Bruno estacaram em frente à porta com o aviso que proibia a entrada.

— Você vai entrar? — perguntou o garoto, ressabiado.

— Eu não, nós.

— E se nos pegarem? — preocupou-se Bruno, ajustando os óculos sobre o nariz num movimento nervoso.

Dina olhou para o amigo e, com um sorriso brincalhão, lhe disse:

— Não tem problema, você nos defende... — E girou a maçaneta.

A porta se abriu.

Dina e Bruno viram-se num corredor para o qual davam algumas portas. Numa delas, uma placa: ALMOXARIFADO. Noutra: COPA. E as outras nada anunciavam, permanecendo cerradas à curiosidade da dupla.

— Já vi tudo, esta é a ala do pessoal da limpeza — declarou Bruno, sentindo-se mais tranquilo.

Os dois prosseguiram até darem com três portas. Ali terminava o corredor.

— Que brincadeira mais boba, Dina, andamos para nada. Isto aqui não dá em lugar nenhum e estamos perdendo a entrevista — queixou-se o garoto.

A garota deu de ombros e começou a cantar o *“Minha mãe mandou bater nesta daqui, mas como eu sou muito teimosa vou bater nesta daqui!”*. Nesse instante, um barulho de passos chegou até eles. Bruno não teve dúvidas, lançou-se sobre a porta mais próxima, puxando consigo a amiga.

Dina e Bruno descobriram-se dentro de uma ampla sala de reuniões, com a mesa longa ladeada por cadeiras altas e grandes janelas de onde se avistava o Potengi passeando em curvas caprichosas pela cidade.

— Acabamos dando em nada — falou por fim Dina, desapontada com o resultado da aventura.

— Decepcionante — concordou Bruno, retirando os óculos e limpando as lentes na camiseta.

— Psit! — avisou Dina. — Você está ouvindo?

Bruno interrompeu o movimento circular de limpeza da lente. Ele também ouvia o ruído de vozes que se aproximavam.

— E agora?

— Pra baixo da mesa! — comandou Dina.

13. OS SAPATOS FALAM

Seguramente aquela mesa não fora projetada para abrigar uma dupla de adolescentes curiosos. Após cinco minutos de esconderijo, Dina já apontava para Bruno as costas, indicando que não agüentaria por muito tempo a dor resultante da posição esdrúxula em que eles eram obrigados a permanecer.

O garoto fazia um sinal para que tivesse paciência. Dina retrucava com uma careta de dor propositadamente exagerada, que acabava por resultar em riso a custo contido.

Vieram juntar-se a eles, embaixo da mesa, alguns pares de sapatos, chegados alguns minutos depois para a reunião.

A porta da sala se abriu e entrou um par de sapatos pretos bem lustrados com uma franja de fitinhas de couro na frente. Ele chegou acompanhado de um par de sandálias franciscanas e foi alojar-se junto a um mocassim marrom que não parava quieto nunca; e começou a falar numa voz com sotaque do Sul.

— Tenho algumas novidades para vocês. Consultei as pessoas que nos apóiam e são todas unânimes em que devemos tomar providências imediatas: o satélite Amazonsat não deve decolar e, por isso, temos que breçar o projeto imediatamente, agora que estão na fase de testes do protótipo do VLS, o Veículo Lançador de Satélite!

O mocassim marrom se agitou e Dina puxou o braço antes que ele a acertasse. Bruno fez uma cara zangada.

— Nós fizemos o possível para embargar o projeto em Brasília, mas os ecologistas conseguiram convencer a opinião pública de que ele é importante — falou o mocassim marrom.

Perto de Bruno, a sandália franciscana, com os dedos a mostra, balançou impaciente:

— E com isso obrigaram os parlamentares que já haviam fechado conosco a recuar! Investimos um dinheirão na candidatura desses homens, eles venceram graças ao nosso apoio e quando precisamos deles, eles se acovardam por causa do barulho que os jornais fazem! Eu vejo apenas uma solução: explodir o protótipo do VLS. Com isso, o programa se atrasará.

O mocassim marrom cruzou as pernas, sustentando um dos pés no ar, numa atitude desdenhosa:

— Explodir! Está louco? Essa é a última coisa a fazer. Precisamos pensar em algo menos drástico.

Na ponta da mesa, um par de sapatos brancos contrastando com a calça preta de listras agitou-se:

— Vamos dar para esse caso a mesma solução que demos ao caso de Cido Lima. Quem é que está tocando o projeto do Amazonsat?

— Um cientista do IAE. Ele está aqui em Natal preparando o lançamento — disse o mocassim marrom. — O nome é... deixe-me ver, eu anotei aqui na minha agenda... ah, Sérgio, Sérgio Cavalcante.

Nesse momento, o rosto de Bruno transformou-se. Dina notou a palidez tomando conta do amigo.

A sandália franciscana balançou entusiasmada:

— Vamos eliminar esse Sérgio. Se não resolvemos, pelo menos já atrasamos o projeto e adiamos nossos problemas! Podem deixar comigo o serviço: vou contratar o mesmo que fez o trabalho com o ecologista.

— Espere aí — protestaram os sapatos pretos. — Não precisa ir tão longe. É melhor usar uma outra tática, que costuma dar certo e evita derramamento de sangue: vamos envolvê-lo num escândalo e depois exigir, através da opinião pública e junto ao governo, que ele se retire do projeto. Ou então, um dos nossos deputados pode pedir a cabeça dele!

Dina continha Bruno a custo: o garoto já estava vermelho e tinha as mãos crispadas de raiva e indignação. Gotas de suor escorriam-lhe da testa no esforço por não se levantar, interromper a reunião e estragar tudo.

A sandália soltou uma risada:

— Vocês lá do Sul são muito delicados...

O par de calçados pretos sapateou irritado, num movimento mudo, mas nem por isso menos perigoso.

Foi o mocassim marrom quem respondeu pelo seu conterrâneo:

— Somos apenas mais sofisticados...

— Esperem, esperem — apaziguou o sapato branco, observando o desdenhoso mocassim balançando-se superior. — Não há tempo para fabricarmos um escândalo ou negociarmos a exoneração do cientista. Se demormos muito, esse satélite vai para o ar, nossos negócios para o espaço e aí, sim, vamos perder muito dinheiro!

O mocassim aterrizou no carpete junto de Dina e, voltando-se para a sandália franciscana, comandou:

— Eliminem esse Sérgio o quanto antes. Mais alguma coisa? — E como ninguém se pronunciasse, finalizou: — Está terminada a reunião.

Bruno tentou levantar-se, louco de raiva. Dina o reteve com força, fazendo múltiplos sinais para que ele mantivesse a calma. O garoto virou-se para a amiga: nos olhos, uma expressão forte de indignação e cólera que assustou a garota.



14. ENTREVISTA EXCLUSIVA

Algumas horas mais tarde, Bruno ia e vinha na sala de estar de sua casa.

— Meu filho, o que acontece que você está tão irrequieto? — perguntou a mãe, abandonando a revista que estava lendo.

— Você voltou muito estranho daquela entrevista. O que aconteceu?

Bruno trilhou mais um círculo no tapete da sala antes de responder, numa voz que procurava aparentar calma:

— Não foi nada, mãe. Só estou esperando Sérgio. Preciso falar com ele, é urgente!

A mãe observou o caçula.

— Foi mais outro telefonema ameaçador que você atendeu? Seu pai já está providenciando um guarda de segurança para seu irmão. Desde que Sérgio passou a morar em São Paulo, esqueceu que as coisas aqui são diferentes. Aqui, “viver é perigoso”, como dizia Guimarães Rosa...

Bruno negou com a cabeça, por que sabia ser impossível negar em voz alta. Ele percebeu que estava começando a tremer de ansiedade.

Um barulho de motor na garagem anunciou a chegada de Sérgio.

— Preciso falar com você — adiantou-se Bruno, assim que o irmão abriu a porta.

— Já? Estou cansado! Se for por causa das ameaças, nem insista, porque eu não vou deixar meu trabalho!

Bruno sentiu raiva. Além de ser o tal, Sérgio sempre o tratava como o irmão menor, sem lhe dar muita importância. Naquelas horas, o garoto tinha vontade de virar monge *hare krishna* ou lutador de boxe só pra ser diferente e acabar de vez com as comparações.

O cientista aproximou-se da mãe e deu-lhe um beijo. Sérgio era alto, robusto, também usava óculos e não era de muita conversa. Já estava adquirindo o acento paulista. Ele cursara o ITA, o Instituto Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos, no Estado de São Paulo, e recebera um convite para trabalhar no IAE do Centro Técnico Aeroespacial, também em São Paulo.

Nisso tocou a campainha da rua.

— Quem poderá ser? — estranhou a mãe. — Você está esperando alguém? — perguntou para Sérgio. O rapaz respondeu que não.

— Mas é para você mesmo, Sérgio — aventurou-se Bruno, pálido. — Era isso que eu queria falar. Quer dizer, isso é uma das coisas que eu tenho pra falar com você... Quem está chegando é Cláudia, irmã

de Dina, que é jornalista. Eu prometi que se ela me levasse para a coletiva com o deputado Campos, você dava uma entrevista exclusiva pra ela... — E tendo acabado de falar o que o sufocava, Bruno respirou aliviado.

Neusa, a empregada, atravessava a sala em direção à porta.

— O quê!? Você está louco. Não vou dar entrevista pra ninguém, e muito menos pra essa... sua amiga.

Neusa parou, aguardando.

Bruno juntou as mãos em súplica.

— Eu prometi, Sérgio!

— Problema seu. Faça promessas para você e não para os outros cumprirem. Não dou entrevistas. Quem dá é o diretor da Barreira, que é pago para ficar ouvindo as perguntas dos jornalistas. Eu não gosto de dar entrevistas! Nem confio em jornalistas, eles distorcem tudo o que a gente fala.

— Ah, não, Sérgio, Cláudia é legal, você vai ver!

Sérgio estava irredutível e Bruno vermelho de tão confuso.

A campainha voltou a tocar.

— Vamos, Sérgio, não seja inflexível — intrometeu-se a mãe. — Atenda a moça e acabe logo com isso.

O rapaz voltou-se para a empregada, que aguardava:

— Está bem. Neusa, pode levá-la para o escritório. Eu estou indo para lá.

Bruno foi para o escritório receber Dina e Cláudia.

— Meu irmão já vem, acabou de chegar.

— Ele concordou em me dar exclusividade? — quis saber Cláudia.

Bruno engasgou. Ele não tinha certeza nem de que Sérgio iria dar a entrevista. Mas acabou acenando que sim. Exclusividade era coisa certa, levando-se em conta que Sérgio detestava dar entrevistas...

Dina aproximou-se do amigo e sussurrou:

— Eu não disse nada para a minha irmã. Você contou para o seu irmão sobre hoje à tarde?

A porta do escritório abriu-se. Sérgio entrou, carrancudo. Bruno iniciou as apresentações e notou que os olhos do irmão brilhavam quando estendeu a mão para Cláudia apertar. A jornalista emudecia e o cientista amansava. Dina teve a impressão de que alguma coisa estava acontecendo entre aqueles dois.

Nesse momento, abriu-se a porta e Neusa anunciou um telefonema.

— É Simone — avisou. — Ela quer falar com Dina.

Dina pegou o fone, perguntando-se o que seria. Como é que Simone sabia que ela estava na casa de Bruno? Depois, recordou-se que havia avisado a mãe que ela e Cláudia estavam indo para a casa do amigo.

Bruno, que observava a amiga ao telefone, reparou quando a garota empalideceu:

— Não é possível! Não é possível, Simone! — exclamava Dina

15. ROLANDO O MORRO DO CARECA

Na tarde daquele mesmo dia em que Dina e Bruno se esconderam debaixo da mesa, Simone terminou a lição de casa, pegou a bicicleta, um livro de aventuras e tomou o rumo da praia de Ponta Negra.

A garota havia estudado história por mais de uma hora, matéria da qual não gostava muito. O seu forte era a matemática. Mas a mãe e o pai sempre insistiam com ela que estudar história era uma forma de entender os erros e acertos do passado e evitar repeti-los no presente. A garota não deixava de concordar, mas aplicava-se a essa matéria com o mesmo cuidado com que seguia a dieta naturalista da mãe.

Depois de tanto tempo sobre os livros, só mesmo a brisa marinha para recuperá-la. E de preferência lá de cima do morro do Careca, a oitenta metros acima da praia e com direito a avistar o largo horizonte da cidade de Natal e o mar se encontrando com o céu azul.

Na praia, a garota encostou a bicicleta num coqueiro e começou a subir as encostas de areia fofa. Encarapitada acima do mundo, como ela gostava de se sentir, Simone retirou do bolso da bermuda um saquinho de balas de hortelã aromatizadas artificialmente, abriu o livro na página marcada e, com um suspiro de satisfação, entregou-se à leitura.

De vez em quando a garota levantava os olhos do texto e contemplava o horizonte infinito ou a praia de Ponta Negra, lá embaixo: as ondas subindo a areia e a alegria dos banhistas.

Foi numa dessas vezes que tropeçou com a vista num homem magro que saía do mar. Alguma coisa nele lhe chamava a atenção, parecia conhecido. Ela tinha certeza de que já o vira antes, mas àquela distância não era fácil dizer. De repente se lembrou: ele era o homem da caminhonete, o assassino do ecologista Cido Lima! O livro caiu de seu colo e Simone não conseguiu fazer movimento. Deixou-se ficar ali, observando atônita: seria possível?

O homem caminhava em direção a um boteco. A garota acompanhou seus movimentos: parecia um banhista comum, inofensivo naquele corpo franzino curtido a sol e seca. Logo, logo ela o perderia de vista, pressentiu.

Simone tinha que pensar rápido: até que ela descesse o morro do Careca, o pistoleiro teria sumido. Só havia uma saída: jogar-se na areia e rolar morro abaixo os oitenta metros que a separavam do matador. E foi o que ela fez.

Quando a menina aterrizou no sopé do morro, tinha, além do corpo dolorido, areia em todos os poros. Do monte de areia em que ela parecia ter-se transformado, sobressaíam apenas dois olhos curiosos, ainda atordoados pelo rodopio forçado, a procurarem o matador de Cido Lima.

Simone acabou por encontrar o homem tomando uma água de coco num botequim da praia. Com receio de que ele a visse e a reconhecesse, a menina arrastou-se para trás de um coqueiro. E teve certeza, o homem era o pistoleiro da caminhonete.

A garota começava já a traçar um plano, disposta a apanhar a bicicleta e seguir o homem até o fim do mundo, quando alguém se aproximou dele. Os olhos da garota começavam a arder de tanta areia. Simone tentou limpá-los com um lenço que encontrou no bolso da bermuda. Ele também estava branco de areia.



O pistoleiro parecia acompanhar com interesse o que a pessoa que o procurara dizia. E assim de longe, parecia um homem bom e simpático. No entanto, alguma coisa em seu acompanhante despertava a atenção de Simone. A garota não sabia dizer o que era, até o momento em que a pessoa voltou o rosto para o seu lado. Então Simone, apesar da areia e da irritação nos olhos, se deu conta: a pessoa que conversava com o assassino do ecologista Cido Lima era... Otaviano.

16. CUMPLICE DE PISTOLEIRO?

Na hora do recreio, no dia seguinte, Bruno, Dina e Simone reuniram-se num clima de conspiração e desconfiança.

— Não consigo acreditar que Otaviano esteja por trás desse crime — dizia Dina.

Bruno estava um pouco zangado porque Simone não lhe contara antes que havia testemunhado o assassinato de Cido Lima. Quem acabou lhe revelando foi Dina, enquanto a irmã entrevistava Sérgio.

— Ele deve ser espião — insistiu Simone. — Ultimamente, bem que eu vinha notando que ele estava diferente, implicando comigo por qualquer coisinha.

— Desde que você falou mal do deputado Campos... — acrescentou Dina.

— Mas vocês ainda não sabem da maior! — exclamou Dina. — Você não vai acreditar, Bruno, quem esteve lá em casa ontem! Meu pai tinha um jantar, desses que mamãe vive organizando para ele poder fazer os negócios e as políticas dele, e, de repente, quando eu entro na sala para cumprimentar os visitantes, sabe o que eu vejo?

— Diga logo, Dina, pare de suspense, você sabe que eu detesto essa onda! — reclamou Bruno.

— Pois eu vi o sapato preto de franjinha de couro no pé de um homem lá do Sul! Morri de vontade de dizer que ele era um criminoso que planejava atentados. Então, meu pai falou que ele era exportador de madeiras. Daí eu não agüentei e falei na cara dele que o que estão fazendo com a Amazônia é um crime. Meus pais morreram de vergonha na hora. Eles dizem que eu não tenho modos. O cara deu um sorriso amarelo e disse que as queimadas para a pecuária é que são um crime. Meu pai fechou o tempo e eu tratei de fechar a boca. Depois que as visitas foram embora, minha mãe me deu a maior bronca.

A turma estava boquiaberta.

— Seu pai não vai ajudar esse mau caráter, vai? — perguntou Bruno.

— Claro que não. Só conversaram — defendeu Dina.

— E o que nós vamos fazer com Otaviano? — indagou Bruno, inquieto. — Simone, eu acho que você devia ir à polícia para falar do pistoleiro!

Dina cutucou o amigo.

— Psit! Olha Otaviano vindo aí.

O garoto aproximou-se da turma com um cacho de pitomba nas mãos.

— Oi, cambada. Quem quer pitomba? — disse, enquanto pegava uma e quebrava a casca entre os dentes, deixando aparecer o caroço miúdo da fruta, recoberto por uma película branca e saborosa. O

garoto jogou a casca no lixo e pôs-se a chupar o carço com gosto. A turma apenas o contemplava, lutando para não mostrar a desconfiança.

— O que acontece? — estranhou Otaviano, que era um garoto inteligente.

Simone, Dina e Bruno se entreolharam e trataram de disfarçar o mal-estar. Para Bruno era ainda mais difícil ter de encarar Otaviano, amigo e talvez cúmplice do pistoleiro contratado para matar seu irmão. Bruno sentiu que seus punhos se fechavam com raiva.

— Eu é que pergunto o que acontece — começou a provocar o garoto.

Dina percebeu o que se passava e mais do que depressa retirou o amigo de lá.

— Você está louco, Bruno. Controle-se! — sussurrou Dina.

Otaviano não entendeu nada.

— O que está acontecendo com esses dois? — perguntou a Simone.

*

Após as aulas, Dina convidou Bruno e Simone para almoçarem em sua casa. Os três tomaram o caminho da casa da amiga, falando sem parar. Eles tinham muito o que conversar e decidir. Bruno queria que Simone fosse direto à delegacia de polícia para acusar o pistoleiro.

— Não sei se é o melhor — duvidou Dina. — Porque, se prenderem esse matador, os homens contratarão outro e a vida de Sérgio continuará ameaçada.

— Pelo menos, nós temos controle da situação através de Otaviano — falou Simone, que entendera o raciocínio de Dina.

Bruno pensou um instante e foi obrigado a admitir que elas tinham razão.

— Está certo — pronunciou por fim. — É melhor saber quem é o nosso inimigo. Pelo menos fica mais fácil de a gente se defender!

— Ei, esperem um momento — pediu Dina, enquanto se afastava dos amigos em direção a uma banca de jornais, para voltar em seguida mergulhada na leitura de um deles.

Simone e Bruno se aproximaram da amiga e começaram a ler as manchetes por cima do ombro da garota.

— O que há de tão interessante no jornal? — perguntou Simone.

Bruno, que já localizara a notícia que interessava a Dina, apontou com o dedo. Simone leu, no canto da página, uma manchete destacada: “Conspiração antiecológica”, assinada por Cláudia.

— Você contou para a sua irmã o que nós ouvimos na sala de reunião!? — surpreendeu-se Bruno, entre zangado e satisfeito.

A matéria criticava a atitude antiecológica do deputado Campos e apresentava a entrevista exclusiva com Sérgio, além de noticiar que, segundo fontes seguras, havia uma conspiração em curso para matar o cientista.

Dina deu um largo sorriso:

— Claro. Assim que a gente saiu da sua casa, eu contei tudo para ela. A minha irmã me deixou em casa e foi direto para a sucursal do jornal, para enviar esta matéria por telex lá pra São Paulo! Essa “fonte segura” aí sou eu! — falou a garota com orgulho na voz.

Os três aproximavam-se da casa de Dina, quando passou por eles um carro de reportagem. Em seguida, passou outro.

Dina apontou para eles e falou, cheia de si:

— São todos amigos de minha irmã!

Ao dobrarem a esquina de sua casa, no entanto, tiveram uma surpresa. Havia lá vários carros de televisão, jornal e rádio. Era a mídia completa, a impressa e a eletrônica, cercando a residência de Cláudia.

— O que será que está acontecendo? — exclamou Dina com um mau pressentimento.

17. OUTRA EMBOSCADA

A mãe de Dina aproximou-se da filha com um ar transtornado assim que viu a garota entrar.

— Não se assuste, mas sua irmã, Cláudia...

A mãe gaguejava e não explicava nada. Impaciente, Dina subiu correndo as escadas em direção ao quarto de Cláudia. Era dali que vinha o barulho de gente falando e o movimento de jornalistas.

Um grupo de repórteres munidos de câmeras, gravadores e microfones escondia a figura da irmã. Dina abriu caminho à base de cotoveladas, tão aflita estava.

Topou com Cláudia, sentada numa poltrona, braço engessado e marcas de pancadaria no corpo e no rosto.

— O que é isso? Quem lhe fez isso?! — gritou Dina, chocada com o estado da irmã.



Alguém apontou-lhe o olho eletrônico de uma câmera. Um outro repórter fez um “psit, estamos gravando”. Cláudia sorriu para a irmã, tranquilizando-a, e continuou a narrar o que havia acontecido.

A jornalista recebera um telefonema pela manhã, de alguém que se dizia testemunha do assassinato de Cido Lima e que, depois de ler a reportagem escrita por ela, resolvera falar para ajudar nas investigações. A pessoa forneceu o nome e o número de uma casa no bairro de Mãe Luíza.

Meia hora depois, Cláudia estacionou o carro em frente a um barraco. Bateu palmas, mas ninguém veio atender. A moça, então, observando a porta entreaberta, avançou. Lá dentro estava um pouco escuro,

porque a janela estava fechada.

Quando ela entrou no casebre, a porta se fechou com um estrondo, às suas costas, e começaram a bater nela. Eram dois homens mascarados. Eles quebraram o braço direito da moça, além de esbofeteá-la por todo o corpo. Quando Cláudia caiu no chão, já sem forças para se defender, eles lhe jogaram o jornal sobre o corpo moído e disseram:

— Isto é para você aprender que lugar de mulher é na beira da pia, e não escrevendo besteiras.

E ali a deixaram desmaiada.

18. DESCONFIANÇAS

No dia seguinte, feministas e ecologistas saíram em passeata, ao meio-dia, em protesto contra a emboscada à jornalista. Cartazes exigiam a imediata apuração dos fatos. Aos gritos, os manifestantes exigiam punição aos assassinos de Cido Lima e aos responsáveis pelo espancamento de Cláudia.



Dina e Simone foram engrossar a passeata. Simone empunhava um cartaz reclamando justiça. Bruno juntou-se a elas:

— Imaginem que eu convidei Otaviano para vir e ele disse que não podia porque tinha que ajudar o pai...

— Eu aposto que ele deve é estar ajudando o pistoleiro, isso sim —, declarou Dina com raiva. — Aposto que quem bateu na minha irmã foi o tal capanga que matou Cido Lima. Agora eu entendo a sua raiva, Bruno. Meu pai está furioso, não pára de telefonar para o governador e para o secretário de segurança exigindo providências imediatas!

Simone cutucou a amiga:

— Olhe só quem está ali na frente: a Marialva!

— Aposto que veio para espionar — falou Dina com rancor.

— Será? — duvidou Simone, que simpatizava com a moça. — Deixa eu ir falar com ela.

— Vê lá o que você vai dizer! — alertou Bruno.

No final da passeata, que acabou em frente ao palácio Felipe Camarão, sede da prefeitura de Natal, Simone voltou a se juntar aos amigos Dina e Bruno.

— Como foi? — quis saber o garoto.

— Ótimo! Fiquei sabendo uma porção de coisas...

— Conte, conte — pediu Dina, curiosa.

Simone fez suspense.

— Aqui, não.

Foi tomando um suco de cajá que Simone contou o que soube.

— Marialva disse que é contra o que aconteceu...

— Claro que ela ia dizer isso — interrompeu Dina. — Se ela é espiã de Otaviano!

— Nada disso — cortou Simone. — Eu acredito nela. Conversamos bastante e eu fiz umas perguntas sobre Otaviano, sobre o que ela achava da emboscada. Eu acho que ela não é espiã de nada, nem de ninguém. Mas ela contou uma coisa muito interessante: um amigo da família veio passar uns dias na casa deles. Por coincidência, ele chegou na véspera da morte de Cido Lima. Ela me contou que não vai com a cara dele e acha que ele tem jeito de pistoleiro, de capanga a mando de coronel. Anda meio desconfiada de que ele está envolvido com a morte de Cido Lima!

— Será mesmo? — duvidou Bruno. — Vai ver ela não gosta dele, deve ter a maior implicância e inventou essa história! — falou o garoto, desconfiado. — Quero falar com ela pessoalmente.

Um ruído forte encheu o ar. Dina elevou os olhos para o céu, protegendo a vista do sol, com a palma da mão fazendo de anteparo na testa. Era uma esquadrilha de caça rompendo a barreira do som. Havia dias em que os caças da Aeronáutica pareciam abelhas atarefadas, fazendo disciplinadas evoluções; outras vezes lembravam pintassilgos brincalhões, brincando de pega-pega, passando um na frente do outro e traçando lindos rabiscos no ar. Era assim que Dina gostava de imaginar o trabalho de vigilância das aeronaves militares. Cláudia sempre lhe dizia que talvez os pilotos não apreciassem a comparação. A garota dava de ombros.

— Nós bem que podíamos fazer uma visita para Marialva — sugeriu Dina, depois que os caças evaporaram-se no horizonte. — Não que a gente desconfie de você, Simone! — apressou-se em esclarecer.

Simone devolveu-lhe o comentário com um olhar de esguelha e limitou-se a dizer:

— Podemos ir amanhã falar com ela, que tal?

— E Otaviano? Não acho bom que ele saiba do que estamos suspeitando... — considerou Bruno.

As meninas se entreolharam. Ficou decidido que iriam no dia seguinte, logo cedo, durante a primeira aula. E inventariam cada qual uma desculpa.

— Acho que Otaviano vai desconfiar: nós três faltando à mesma aula! — comentou Bruno.

Simone deu de ombros:

— Pode desconfiar à vontade depois que conseguirmos falar com Marialva a sós...

— Amanhã a primeira aula é de geografia — avisou Dina. — Eu não gosto de perder.

— Ô, Dina, estamos vivendo uma situação de vida e morte e você está preocupada com geografia!
— repreendeu Simone.

Foi a vez de Dina devolver o comentário da amiga com um olhar fulminante e uma frase breve:

— Se fosse matemática, eu queria ver...

Dina deixou os amigos e foi para a praia, andar um pouco, sentir a sensação calmante da areia sob os pés. Ela não queria admitir, mas estava assustada. Difícil entender, aceitar que podia ser perigoso intrometer-se, fuçar, escrever matérias. A irmã espancada... Era um susto. Dina não tinha certeza se queria aquele lado da profissão. Aquele lado doído.

19. “DESCOBERTA ARMA DO CRIME”

No dia seguinte, Simone, Dina e Bruno partiram cedo para o bairro de Mãe Luísa, onde moravam Marialva e Otaviano com a família.

— Não sei como Otaviano agüenta subir este morro todo dia — reclamou Dina, fazendo uma careta.

— A última coisa que eu quero é ser pobre! — falou Bruno. — Prefiro passar a tarde no shopping center a ficar pastoreando carro depois das aulas, e ainda por cima ter que subir um morro puxado como este.

Simone balançou a cabeça diante do comentário de Bruno: como se as pessoas pudessem escolher onde iam nascer!

Os três encontraram Marialva nos fundos da casa, debruçada sobre uma bacia, lavando roupa. A moça interrompeu o que estava fazendo, enxugou a mão calejada pelo trabalho doméstico na barra da saia e falou:

— Eu posso até ficar fechada aqui, entre a pia e a bacia de roupa suja, mas não aceito injustiça! Foi por isso que eu fui à passeata ontem.

— E o que foi aquilo que você falou pra Simone sobre o pistoleiro? — adiantou-se Bruno, impaciente. Ele não se sentia bem naquele fundo de quintal, terra batida, bacia equilibrada sobre uma armação de madeira tosca, protegida pela sombra boa de uma castanhola.

— Eu falei? — estranhou Marialva.

Bruno e Dina fitaram Simone com um olhar claramente reprovador.

— Falou, sim — engasgou-se Simone, rápida no ouvir e no interpretar. — Foi quando você contou que desconfiava de alguém, que tinha quase certeza de quem tinha matado Cido Lima e agora espancado a irmã de Dina. Em seguida, eu me lembro, você disse alguma coisa sobre um afilhado de seu pai, que está passando uns dias com vocês. Eu liguei os dois fatos e achei que só podia ser esse afilhado...

Marialva contemplou a garota. Aquela Simone era rápida de raciocínio, pensou.

Dina, que observava os dedos machucados de Marialva, em carne viva de tanto esfregar e esfregar o sabão e a água de encontro ao tecido sujo, murmurou, perdida em seus pensamentos:

— Você não gostaria de estudar, Marialva?

— Ah, claro... — começou a moça, logo interrompida pela urgência de Bruno.

— Afinal, Marialva, esse afilhado é mesmo o pistoleiro? Como é que você sabe?

Marialva espiou, para fora do quintal, a rua subindo morro acima. Examinou o bar apinhado de homens tomando cachaça e matando o tempo. Nem sinal de pistoleiro. Depois, voltando-se para os três, fez um sinal para que a seguissem.

O grupo entrou na casa simples e semi-escura por falta de boas janelas. Um cheiro de fumo empestava o lugar. Marialva foi ao quarto que era de Otaviano e dos meninos menores, e onde Alexandre, o afilhado, se acomodara. Puxou um banquinho e subiu, retirando de cima do armário de madeira ordinária uma trouxa pesada. Em seguida, Marialva afastou as pregas do tecido para mostrar à turma o perfil metálico do cano de uma arma. Envolta nos panos, uma metralhadora.

Bruno ficou fascinado, era a primeira vez que via uma arma daquelas tão de perto, diferente daquelas com que brincava em criança. Dina não resistiu e tocou o cano da arma com o dedo indicador. Era frio, horripilantemente frio, foi o que a menina achou. Simone empalideceu. Aquela era a arma do crime! Assustada, aventurou-se a tocar também. Quando tudo se resolvesse, ela exibiria o dedo com orgulho: o dedo que tocara na arma que matou Cido Lima!

— Vocês não deviam tocar na arma — avisou Marialva. — Se a polícia pegar esta metralhadora, vocês terão problemas por causa das impressões digitais...

Mais que depressa, Dina apanhou um lenço e tratou de esfregá-lo no metal. Imagine aparecer uma manchete assim: “Descoberta arma do crime. Escolar suspeita”.



De volta à bacia sob a castanhola, a moça passou a contar o que sabia.

— Eu comecei a desconfiar desde que me bateu a curiosidade de ver o que era aquele embrulho que ele guardava com tanto cuidado. A partir daí, fui unindo os fatos.

Marialva pegou um pedaço de sabão e passou com energia na gola de uma camisa. Depois, continuou:

— Ele vem de vez em quando para Natal e sempre fica com a gente. Mas a família mora em Açú. Desde que eu descobri que ele é o assassino, mal posso olhar para a cara dele. Acho demais ele se esconder aqui em casa. Não sei como pode fazer isso conosco! Tenho vontade de chamar a polícia, mas sei que é perigoso. Eu não tenho nenhuma prova e Alexandre não me perdoaria...

— Você sabe quem é o mandante? — perguntou Dina.

— Imagino. Acho que é um homem que vem num Opala azul. Ele procura pelo Alexandre e conversam baixinho, longe dos outros.

— Deve ser apenas um testa de ferro — considerou Simone, recordando o que o pai dissera a respeito de pistoleiros e mandantes: o mandante não contrata pessoalmente, manda alguém fazer a encomenda.

Simone, disposta a ajudar Marialva, pegou uma peça recém- lavada para colocar no varal:

— E Otaviano, será que ele desconfia de Alexandre?

— Não! Ele tem a maior admiração por ele. Se souber, vai ter uma decepção.

Simone consultou o relógio.

— Cambada, precisamos ir. Já perdemos duas aulas e a próxima é importantíssima.

— Só porque é matemática — reclamou Dina, que fora obrigada a abrir mão de sua matéria preferida para o bem das investigações.

— Esperem — pediu Bruno. — Meu irmão está recebendo ameaças de morte. E eu acho que vêm do mesmo pessoal que matou Cido Lima. Eu estou superpreocupado. Meu pai colocou guarda-costas para acompanhar meu irmão, mas eu tenho medo assim mesmo.

— E o que você quer que eu faça? — indagou Marialva, fitando o menino no fundo dos olhos. — Você quer que avise toda vez que o homem do Opala aparecer?

20. O PRÓXIMO ALVO

No começo da noite, tocou o telefone na casa de Dina:

— Dina, preciso falar urgente com o meu irmão! — gritou Bruno do outro lado do fio.

A garota, que mordiscava uma goiaba vermelhinha, quis saber o porquê de tanta aflição.

— Marialva acabou de telefonar! O homem do Opala esteve lá hoje à tarde.

— Verdade? Xiii... — exclamou a menina, espiando de longe Cláudia e Sérgio, entretidos numa conversa sem fim, onde o que mais contava era o que os olhos diziam. Sérgio viera visitar Cláudia. A jornalista já se recuperara e pretendia voltar ao trabalho imediatamente.

— Mesmo com esse braço engessado? — disse o cientista, apontando timidamente o gesso que ele gostaria de assinar e a mão que ele queria pegar entre as suas. Contemplando assim a jornalista, uma vontade de protegê-la o invadiu.

Cláudia sorriu para ele.

— Você acaba de me dizer que o protótipo do VLS será lançado no próximo domingo e quer que eu fique de fora dos acontecimentos? Essa é a matéria da minha vida, Sérgio, mesmo que eu estivesse de maca, eu faria essa cobertura!

Dina aproximou-se.

— Bruno está no telefone, Sérgio.

O cientista lançou um olhar contrariado para a garota. E numa voz que mal disfarçava a irritação, perguntou:

— O que ele quer? Ele não pode esperar eu voltar pra casa?

— É urgente, Sérgio! — defendeu Dina, pensando que talvez Bruno tivesse razão quando implicava com o irmão. — Marialva telefonou agorinha. O homem do Opala esteve lá hoje!

Cláudia e Sérgio nada responderam. Limitaram-se a contemplar a garota com um ar de interrogação. Eles não haviam entendido nada.

— Ah, claro, eu não contei o que aconteceu hoje. Esperem — Dina voltou ao telefone.

— Bruno, é melhor você vir pra cá. Você não contou para o seu irmão sobre hoje de manhã? Venha. Assim, todos juntos, podemos pensar num plano para salvar o Sérgio.



*

— De onde vocês tiraram toda essa certeza de que o alvo amanhã serei eu e não outra pessoa? — protestou Sérgio, descrente da história de Bruno e Dina. Parecia uma maluquice, e ele não pretendia passar por bobó, dando ouvidos a qualquer conversa.

— Mas, Sérgio, você mesmo já ouviu as ameaças por telefone. Por que você é tão cabeça dura? — exasperou-se Bruno.

Cláudia ajustou o braço engessado no lenço preso ao pescoço.

— O que custa você se prevenir, Sérgio? — argumentou a jornalista, com uma expressão séria que encantava o cientista.

O rapaz deu-se por convencido.

— Está bem, eu acredito. Mas o que vou fazer? Não posso deixar de ir trabalhar. Hoje já é quarta-feira e o VLS vai subir no domingo, daqui a dez dias. Nós temos que acabar de montá-lo até lá.

Bruno ajustou os óculos no nariz, como sempre fazia em momentos de reflexão.

— Você podia telefonar para o Centro e dizer que está com a vida ameaçada e vai faltar até domingo... — propôs o garoto.

Sérgio deu uma gargalhada.

— Agora é a minha vez de dizer que este é o projeto da minha vida — falou, piscando para Cláudia. — Além do que, a supervisão é minha. Se eu não for, o VLS não decola e eles conseguem o que querem.

Dina sentou-se no braço do sofá, balançando os pés como gostava. E passou a mordiscar a terceira goiaba da noite.

— A não ser que você vá para o Centro de Lançamento amanhã bem cedinho, antes de eles se postarem para a emboscada — sugeriu a garota.

Cláudia balançou a cabeça.

— Não acho que seja uma boa idéia. Se o pistoleiro for de madrugada, Sérgio não escapa. O melhor será ele seguir para o Centro hoje mesmo, agora à noite.

Sérgio coçou a barba, pensativo.

— Sem dúvida, é a melhor idéia. Eu posso me hospedar lá. Há aposentos destinados aos técnicos. Eu nunca uso, porque minha família é daqui. É o que vou fazer: pegar umas roupas, avisar o Centro e seguir imediatamente — concluiu, levantando-se decidido.

— Acho que só voltamos a nos ver depois de domingo — falou, dirigindo para a jornalista um olhar de mal disfarçada decepção.

21. PLANTÃO DE SALVAMENTO

Sérgio se dirigiu para o Centro de Lançamento da Barreira do Inferno naquela mesma noite e não voltou mais à cidade. Segundo Otaviano, no dia seguinte ao da pretendida emboscada, Alexandre voltara para casa de mau humor. Ele chegou a sair cedo mais duas vezes, provavelmente tentando pegar o cientista. Bruno contou que vira um Opala azul rondar bem cedinho a casa e que os telefonemas ameaçadores acabaram quando a empregada disse que Sérgio não estava morando mais ali.

Na sexta-feira anterior ao lançamento e uma semana depois da partida de Sérgio para o Centro, a turma se reuniu na sorveteria para traçar o plano para o fim de semana.

— Será que Marialva vai demorar muito? — Bruno tamborilava os dedos na mesa, impaciente.

— Um pouco de paciência, Bruno — reclamou Simone. — Você pensa que Marialva não tem mais nada pra fazer? Eu queria ver você tendo que lavar uma pilha de roupa suja todos os dias, além de fazer a comida e cuidar da casa! — argumentou a garota.

O garoto deu um sorriso maroto:

— Eu, hem! Não sou bobo. Me caso antes.

— Marialva já deve estar chegando — comentou Otaviano. — Se ela disse que vem, é porque vem.

Otaviano já sabia de tudo. A turma resolvera contar-lhe desde que Marialva revelou que o garoto não tinha nada a ver com Alexandre. De início, Otaviano se aborrecera com Simone e os outros: como é que eles podiam ter desconfiado dele? Mas acabara por entender que aquele seu encontro com Alexandre na praia de Ponta Negra só podia levantar suspeitas.

— Cheguei — anunciou-se Marialva. — Nenhuma novidade — adiantou, reparando na ansiedade de Bruno.

— Pelo menos Sérgio está a salvo — comentou Simone. — Graças ao seu aviso.

— Precisamos nos preparar para o lançamento do VLS — declarou Dina. — Eles não conseguiram emboscar o Sérgio e devem partir agora para uma ação mais ousada. E o que nós ouvimos debaixo daquela mesa foi que a última tentativa seria explodir o foguete.

— Explodir o foguete?! — repetiu Otaviano. — Acho impossível. Em dia de lançamento eles dão busca na área com helicóptero, fecham a estrada de Pirangi, patrulham mar, terra e ar! Duvido que possam fazer isso. Eles não seriam doidos a esse ponto.

Bruno foi até o balcão e comprou um sorvete de mangaba.

— Acho que este não é o melhor lugar para fazer planos — disse, observando um grupo de escolares que invadia a sorveteria. A turma dirigiu-se a uma pracinha ali perto.

— Mas que eles vão fazer alguma coisa, isso vão — falou Simone. — Porque, com o lançamento desse protótipo, o próximo passo será a construção do VLS no tamanho certo para enviar ao espaço o Amazonsat, lá do Centro de Alcântara, no Maranhão.

A turma ficou em silêncio.

— Será que eles vão usar o Alexandre para esta nova missão? — pensava alto Otaviano, o cenho franzido.

— Pode ser que sim, que não e talvez! — retrucou Simone.

— Bem — falou Marialva —, se o homem do Opala aparecer de novo eu aviso. Vou ficar de plantão amanhã!

— Eu também — avisou Otaviano.



Simone levantou-se.

— Acho que devíamos fazer uma vigília amanhã e domingo, nos preparando para o que der e vier. Podíamos todos passar o dia em minha casa, de plantão — propôs a garota. — É a que fica mais perto da estrada de Pirangi e, portanto, do Centro.

Bruno bateu o pé:

— Na sua casa?! — reclamou. — Ter que passar dois dias inteiros no meio de feministas e sindicalistas em reunião! Não vou agüentar. Sugiro a minha casa.

— Ah, Bruno, como você é ondeiro! Proponho ficarmos na minha. A sua casa, Simone, só tem um telefone, que não pára de ser usado por todos os movimentos sociais, ecológicos e sei lá o que da cidade. Imaginem só a Marialva tentando falar conosco do orelhão e o telefone ocupado sem parar!

Finalmente ficou acertado que se reuniriam na casa de Dina, que oferecia mais de uma linha telefônica, podendo, então, deixar uma desimpedida especialmente para a operação salvamento.

Sábado pela manhã já se encontravam todos na casa de Dina, à exceção de Marialva e Otaviano, que ficaram em casa vigiando os passos de Alexandre. De início, as horas passaram depressa, empurradas pelos ventos da excitação e do entusiasmo.

Era sensacional estarem reunidos para salvar o projeto Amazonsat da destruição e dos interesses

mesquinhos dos grupos econômicos. Sem dúvida, aquela era uma grande causa ecológica. Mas após o almoço, com o pingar do tempo, que não corria, e o telefone, que não tocava, o desânimo passou a tomar conta da turma.

— Num dia lindo desses — reclamou Bruno —, eu podia estar praticando *skate* lá na rua Trairi com os outros.

— E eu podia estar passeando de bicicleta ou na praia, que seria muito mais divertido — suspirou Simone.

Dina foi até o aparelho e levantou o fone. Estava funcionando. Fez um teste, telefonando de um aparelho para o outro. Estava tudo em ordem.

— Oi — era Cláudia chegando, atrasada para o almoço.

— Alguma novidade? — perguntou, lançando um sorriso simpático para o grupo de adolescentes desanimados, junto ao telefone.

— Até agora, nada — respondeu Dina. — Onde você esteve?

— Na redação da sucursal. Estão todos se preparando para a grande reportagem. Estive conversando com alguns colegas e ninguém acha que acontecerá um atentado no Centro.

A turma se reuniu em volta da mesa, conversando enquanto a jornalista ia almoçando.

— Você vai estar lá? — quis saber Bruno. O garoto estava aborrecido porque pedira ao irmão para deixá-lo acompanhar o lançamento da casamata e Sérgio negara.

— Vou estar na barreira que a polícia vai instalar na estrada de Pirangi, acompanhando a movimentação. Eu também pedi para ficar na casamata, mas Sérgio disse que não podia... — suspirou Cláudia, resignada. E dando um último gole no suco de cajá, levantou-se, pronta para partir.

Antes, dirigiu-se ao telefone para pedir um táxi que a levasse de volta ao jornal. Com o braço direito engessado, era impossível pegar o carro e sair dirigindo.

— Nesse aparelho, não! — gritou Dina. — No outro. Esse aí está reservado para a operação salvamento!

Cláudia colocou o fone de volta no gancho e, como por magia, o telefone começou a tocar. A turma inteira lançou-se sobre ele. Dina levou a melhor.

— Marialva, é você? — perguntou com a voz trêmula de emoção.

Era.

22. CEDINHO

— O homem do Opala acabou de sair — comunicou Marialva. — Veio falar com Alexandre. Otaviano tentou se aproximar deles, mas Alexandre não deixou, por isso não sabemos o que vai acontecer. A única coisa que Otaviano conseguiu ouvir foi a palavra “cedinho”.

A turma, reunida em volta de Dina, tentava escutar a conversa.

— Chame Otaviano — pediu Bruno.

— Otaviano não está — respondeu Marialva, que ouvira o garoto gritar ao lado de Dina. — Ele saiu com Alexandre para conversar. Ele quer tentar descobrir mais coisas. Mas quando voltar, peço para telefonar pra vocês — disse a moça. — Vou continuar aqui de prontidão.

Dina desligou o telefone.

— O que nós vamos fazer agora? — perguntou.

— Pensar e esperar Otaviano — resmungou Bruno de seu canto. — Pelo visto, hoje só faremos isso: esperar e esperar.

Nesse momento, a campainha da casa tocou. Cláudia pegou suas coisas e se despediu. Seu táxi acabava de chegar.

— Qualquer novidade, me avisem! — pediu.

Simone levantou-se, inquieta.

— A única pista que nós temos é... “cedinho”! Isso e nada é a mesma coisa.

— Cedinho, de sair cedinho, acordar cedinho, emboscar cedinho... Assim não dá — queixou-se Bruno.

Dina colocou um disco no aparelho de som, enquanto dizia:

— Quem sabe Otaviano consegue descobrir alguma coisa. Vamos esperar.

Bruno lançou um olhar para além da janela, para o dia bonito que fazia lá fora. “Um dia inteirinho jogado fora, só esperando”, pensou com raiva.

Simone, mais prática, foi até o aparelho de som, aumentou o volume, pegou um livro e dirigiu-se para a porta da entrada.

— Se acontecer alguma coisa, vocês me avisem. Estou tomando banho de sol lá no terraço... — falou.

Eram quase cinco horas quando o telefone voltou a tocar. Simone já cansara do sol e Bruno já

repetira umas cem mil vezes que devia estar na rua Trairi com seu *skate*. Do outro lado do aparelho, Otaviano dizia que não conseguira arrancar nada de Alexandre.

— Nada, nadinha mesmo? — reclamou Dina, inconformada.

Bruno dava voltas na sala, impaciente. Simone aguardava com um olhar desanimado.

— Melhor você vir pra cá — falou Dina para Otaviano. — Precisamos pensar e tomar alguma decisão. Se o homem do Opala esteve aí, é porque alguma coisa vai acontecer...

Cinqüenta minutos depois, Otaviano era introduzido na sala de estar da casa de Dina. A mãe da garota o recebeu.

— Eles estão lá em cima, no maior clima de mistério. Pode subir.

— Puxa, como você demorou! — reclamou Bruno assim que viu Otaviano. — Nunca vi demorar tanto tempo para vir de Mãe Luísa pra cá.

— Eu vim a pé — explicou o garoto, que não tinha dinheiro para tomar condução.

— O que você conseguiu saber? — perguntou Simone com simpatia, incomodada com a atitude de Bruno. Ela gostava do amigo, mas tinha de reconhecer que ele era absolutamente insensível para com a situação de Otaviano.

Otaviano sentou-se no sofá e tomou um gole de suco que Dina lhe oferecia.

— Consegui saber que Alexandre é superfechado e não abre o jogo com ninguém. Perguntei com jeito quem era aquele homem do Opala. Ele me olhou com cara de quem não gosta de perguntas e respondeu: “É um amigo. Por quê?”. E ficou me fitando. Eu me senti mal, juro. Eu não gostaria de topar com Alexandre tocado pra me pegar por nada desse mundo. Ele não é de brincadeiras! Mas também fiquei com raiva. Que direito ele tem de usar a minha casa para se esconder! E o pior é que a gente não pode tomar nenhuma atitude. Se eu contasse para meu pai, ele não ia acreditar. O pai de Alexandre é grande amigo dele!

Otaviano calou-se, Bruno dava voltas sobre o tapete da sala, Dina contemplava as evoluções do garoto com um olhar ausente e Simone pousava a cabeça sobre os braços cruzados em cima da mesa.

— Tenho certeza de que vão tentar explodir o VLS — deixou escapar Bruno, inconformado.

Dina acenou concordando.

— A questão é: como? — declarou Simone, frisando a última palavra.

Otaviano levantou-se, como energizado:

— Só há um jeito de sabermos: seguindo Alexandre!

— Parece uma boa idéia — considerou Dina, animada com a perspectiva de ação.

Bruno voltou a se sentar, disposto a discutir um plano.

Simone refletia:

— Seguir, como?

— Ora, de carro. De bicicleta é que não vai ser — falou Bruno.

— Com o carro de quem? — insistiu Simone.

Bruno ajustou os óculos no nariz, preocupado. Ele ainda não sabia dirigir.

— O de Cláudia — sugeriu Otaviano.

— Cláudia quebrou o braço e não está guiando — lembrou Dina.

— E se um de nossos pais nos levasse? — propôs Simone, pensando que sua mãe ou seu pai poderiam concordar.

Bruno foi contra. Dina também. Se os pais deles soubessem, provavelmente não os deixariam nem sair no dia seguinte. O plano era muito arriscado.

A turma voltou a ficar em silêncio.

— Nós podíamos pegar um táxi — comentou Bruno sem muita convicção.

Dina, que estivera calada, como que despertou:

— Pensando bem, talvez a Cláudia possa ir dirigindo... Ela pode fazer tudo: breicar, acelerar, virar o volante, menos mudar as marchas, por causa do braço engessado. Então, eu troco as marchas!

O grupo pensou um pouco e terminou por considerar boa a idéia. Principalmente porque não havia outra.

— Precisamos, então, avisar Cláudia — disse Bruno. E voltando-se para Otaviano, perguntou:

— Você ouviu Alexandre e o homem do Opala combinarem alguma coisa para cedinho. Cedinho, como?

O garoto fez cara de interrogação.

— Sei lá. Se o lançamento vai ser às 10 horas, eu imagino que Alexandre vai tentar explodir antes. Cedinho pode ser às 7, às 8... Acho melhor montarmos guarda desde as cinco.

Bruno fez uma careta. Depois suspirou resignado. Ele detestava acordar cedo. Dina também. Mas a salvação do Amazonsat era mais importante. Ficou, então, combinado que se colocariam de guarda a partir das cinco da madrugada numa rua próxima à de Otaviano, mais acima no morro, de modo que pudessem ver sem serem vistos.

23. BARRADOS NA BARREIRA

Eram cinco e vinte da manhã e o carro de Cláudia já montava guarda perto do Farol de Mãe Luísa, no alto do morro. De lá se via a casa de Otaviano.

— Estou morto de sono — falou Bruno, recostando-se no banco de trás. — Vou dormir um pouco.

Simone, que também estava sonada, propôs que fizessem turnos de vigília, de uma hora cada. No primeiro, dormiriam ela e Bruno, claro.

— Com uma equipe de salvamento dorminhoca como a de vocês, o foguete não tem a mínima chance de decolar — criticou Cláudia muito desperta, apesar de ter ido dormir tarde. Aquele podia ser um grande furo de reportagem e a jornalista até pensava em abrir a matéria com uma manchete que poderia ser: “Descoberta tentativa de sabotagem”.

Na casa de Otaviano não se via movimento algum. De repente, surgiu na porta a figura esguia de Marialva, acenando um lenço branco, sinal de que Alexandre ainda se encontrava lá.

A moça desapareceu em seguida.

O tempo passou devagar, morno e pesado como uma sensação de pressentimento ruim. Bruno e Simone descobriram que não conseguiam dormir, aquela espera os deixava tensos.

— O que nós vamos fazer, apenas segui-los? — preocupava-se Dina. — E se eles perceberem?

— Precisamos ter muito cuidado. Esse Alexandre é violento — ponderou Cláudia.

Por volta das oito e meia, quando o bairro já desperto vivia sua rotina de domingo, Dina cutucou a irmã.

— Olhe lá, o Opala!

Bruno e Simone ajeitaram-se imediatamente no banco traseiro, o pescoço estendido para a frente. O motorista do carro tocou a buzina uma vez e Alexandre veio ao seu encontro. Dina reparou o olhar que Alexandre lançou em volta, como quem desconfia de algo. O pistoleiro abriu a porta e entrou no carro.



Cláudia já ligara o motor e pisava na embreagem.

— Pode colocar a primeira! — comandou para Dina. A garota acionou o câmbio, mas, preocupada em acompanhar os movimentos junto à casa de Otaviano, engrenou a terceira. O Opala arrancou a toda velocidade, enquanto o Gol de Cláudia engasgava na terceira marcha, sem forças para sair. E acabou morrendo, para desespero da equipe de salvamento.

— Dina, olhe o que você fez! — gritou Cláudia, nervosa.

Otaviano e Marialva já estavam na frente da casa, esperando que Cláudia passasse para pegá-los.

— Está saindo tudo errado — berrou Bruno.

Dina virou a chave na ignição. O motor roncou potente sob a pressão forte do pé de Cláudia.

— Agora, engrene a primeira, pra valer, Dina! — ordenou a jornalista.

Dina, concentrada, moveu o câmbio até a marcha certa. O Gol cantou os pneus na largada.

Cláudia enviesou o carro para a rua de Otaviano.

— O Opala entrou na Via Costeira, na direção da estrada de Ponta Negra — irradiou Bruno, com o nariz grudado no vidro e os olhos colados no azul do Opala.

Cláudia fez uma parada brusca junto à casa de Marialva, enquanto Dina rapidamente abria a sua porta. Otaviano se jogou no banco de trás e Marialva acotovelou-se junto a Dina, que já colocava o carro em primeira. O Gol largou veloz, Dina obedecendo ao comando de Cláudia para mudar as marchas para segunda, terceira e quarta.

Logo no início da estrada que leva a Pirangi, após uma curva, viram o Opala estacionado à beira do caminho.

— E agora? — berrou Bruno quando o carro deles ultrapassou o outro. — Por que você não parou? — perguntou furioso para Cláudia.

A jornalista, que já diminuía a marcha e encostava o carro, respondeu:

— Com a velocidade em que vínhamos, se eu parasse bruscamente eles iam perceber que estavam sendo seguidos. Vamos parar aqui e aguardar.

Simone observava de longe o carro.

— Alexandre está trocando de roupa!

— Parece um uniforme, deve ser o do Centro de Lançamento — constatou Bruno. — Eles vão tentar entrar!

Minutos depois, o Opala voltava à estrada. Otaviano e Marialva abaixaram-se para não serem vistos. E o carro passou por eles aparentemente sem notar nada.

Cláudia seguiu-o com cuidado, de longe.

— Eles vão ter que parar na barreira policial — disse.

De fato, mais adiante, viram o Opala breicar junto ao guarda da barreira, mostrar um documento e ser liberado para seguir caminho.

— E nós, o que vamos fazer? — falou Simone. — Não temos nenhum documento.

— Eu tenho a credencial de jornalista. Vamos ver se funciona — comentou Cláudia, aproximando o carro da barreira montada pela segurança do Centro.

— Não podem passar — disse o guarda, verificando a credencial da moça. — Hoje, só com credencial especial.

— Que documento aquele Opala apresentou para o senhor? — perguntou Dina para o militar.

Ele a olhou.

— Eram dois técnicos com a documentação em ordem. Agora, por favor, voltem, porque não vão poder prosseguir.

Cláudia ainda tentou convencê-lo. Mas nada comoveu o homem. Ele tinha ordens a cumprir.

A jornalista estacionou o carro à beira do caminho e o grupo pôs-se a discutir o que deviam fazer.

— Podíamos tentar ir pelo mato — sugeriu Otaviano, lançando um olhar para a mata que ladeava o Centro.

— É uma idéia — suspirou Cláudia —, mas vai nos tomar muito tempo. São quilômetros de mata para atravessar até chegar à cerca. E já são nove horas. Não há tempo suficiente.

Desceram todos do carro. O dia prometia ser quente. Sobre suas cabeças, um helicóptero fazia ronda.

— Provavelmente Alexandre tentará colocar uma bomba no foguete. Mas como? — falou Otaviano.

Cláudia encostara-se no carro, pensando.

— Precisamos entrar de qualquer maneira, se quisermos evitar o atentado.

Bruno aproximou-se de um guarda que estava falando num *walkie-talkie*.

— Preciso falar com meu irmão, é urgente, seu guarda! Uma questão de vida ou morte! — alegou.

— E quem é seu irmão?

Bruno contou. A essa altura, Cláudia e os demais também já haviam se aproximado.

— Sabemos que vai haver um atentado aqui hoje e precisamos avisar — falou Cláudia.

— Você está falando sério? — duvidou o guarda.

— Claro. Eu sou a jornalista que sofreu aquele espancamento que saiu na TV..

Os guardas conversaram e conversaram entre si. Finalmente, um deles se aproximou de Cláudia e disse:

— Vamos avisar o Centro. Podem ficar despreocupados.

Cláudia abanou a cabeça.

— Mas o pistoleiro está lá dentro, vocês acabaram de deixar ele entrar! Ele estava naquele Opala azul! Agora já deve estar misturado com os outros técnicos e vocês não vão achá-lo mais, até que aconteça a explosão!

O guarda coçou a cabeça.

— Só sei que vocês não podem ficar aqui. São as ordens que eu recebi. O que podemos fazer é avisar a Segurança do Centro.

Cláudia e a turma não se conformavam.

— Nós somos os únicos que podem reconhecer os homens que vão explodir o foguete! O senhor não entende?



Bruno consultou o relógio. Eram 9 horas e os guardas não se decidiam a deixá-los passar, divididos entre as ordens recebidas e a revelação daquele grupo de crianças liderado por uma mulher.

— Aproveitem para aprender — disse Cláudia com raiva, quando a turma voltou ao carro para pensar numa nova saída. — Isso é o poder das pequenas autoridades. Esses guardas, que jamais chegarão sequer a tenente, têm nas mãos agora o destino do projeto espacial brasileiro! Eles não conseguem perceber a diferença entre ordens de segurança e um fato novo, como a possibilidade de um atentado!

Cláudia sapateava de raiva.

E foi com aquela ira toda que se virou para os guardas e declarou com energia e indignação:

— Está bem, nós vamos embora, mas, se acontecer alguma coisa, amanhã sairá no jornal que a culpa é de vocês! Eu mesma falarei na televisão que o atentado poderia ter sido evitado, se os guardas da Barreira tivessem concordado em fazer uma ligação para o Centro, chamando o engenheiro Sérgio!

Os guardas voltaram a se reunir. O que o bom senso não conseguira, o receio obteve. O mais graduado deles solicitou, pelo intercomunicador, que chamassem o engenheiro Sérgio com urgência.

Eram 9h 15 e Sérgio ainda não havia retornado o contato. A turma estava impaciente. Às 9h20, o chefe da guarda chamou Cláudia para falar com Sérgio no *walkie-talkie*.

— Sérgio, o pistoleiro está aí dentro e provavelmente com um esquema bem armado para explodir o VLS. Ele entrou faz mais de vinte minutos! Só nós podemos reconhecê-lo e não nos deixam entrar.

Cláudia ouviu o que o rapaz dizia do outro lado. E passou o aparelho para o chefe da guarda:

— Ele quer falar com o senhor.

O guarda ouviu e comandou em seguida.

— Entrem no carro, está liberada a passagem. — E subindo, ele próprio, numa potente motocicleta, partiu na frente do Gol de Cláudia, disposto a abrir todas as portas imediatamente.

24. AGARRADOS!

A motocicleta e o Gol entraram no Centro, percorreram a rua Sonda III e a via de acesso à base de lançamento. Mais adiante, Cláudia parou o carro. Sérgio já os esperava.

— Já tracei um plano de emergência com meus colegas. Temos que pegar o pistoleiro em flagrante para desvendarmos todo o atentado e as pessoas que estão por trás dele. Venham comigo, mas só você e quem mais conhece o pistoleiro. Os outros vão ficar aqui. Não podemos despertar atenção.

Bruno quase chorou, mas, além de Cláudia, apenas Marialva e Otaviano, que conheciam bem Alexandre, acompanharam o engenheiro. Ele, Simone e Dina tiveram que permanecer na área da administração.

Uma viatura da segurança levou o pequeno grupo para a casamata. Marialva e Otaviano seguiam agachados no jipe, apenas a cabeça de fora, olhos vigilantes, procurando o pistoleiro.

Sérgio, com um walkie-talkie, deu ordem para que afastassem o hangar que ocultava o VLS já montado. O hangar deslizou nos trilhos com vagarosa solenidade. Sob o olhar curioso dos três, apareceu um foguete imponente, apontando para o céu.

Alguns técnicos se movimentavam em volta dele. Alguém chamou Sérgio no aparelho.

— Não encontramos nenhum explosivo na área. Parece que foi alarme falso — disse.

Sérgio voltou-se para Cláudia com um ar de censura. Mas a jornalista sustentou firme o olhar.

Simone, Bruno e Dina não podiam deixar o prédio da administração. Um funcionário do Centro que estava se dirigindo para a estação de rastreamento, de onde iria assistir o lançamento, convidou os três a subirem no jipe.

— Estamos quase na hora e de lá vocês poderão ver melhor. Já estão lá o governador, as autoridades convidadas e os jornalistas com credencial especial. Vamos?

Bruno olhou para Dina, que consultou Simone com o olhar. Esta última sacudiu os ombros como quem diz: “E o que nos resta?”. Os três subiram no carro.

— Ei, olhe lá — gritou Simone, apontando o Opala azul estacionado.

E de repente, saído não se sabe de onde, passou por eles um jipe do Centro. No volante, o motorista do Opala, a seu lado, Alexandre, o pistoleiro... ambos uniformizados.

— Siga esse jipe — ordenou Dina.

E como o funcionário não atendesse, os três pularam do carro e dispararam atrás de Alexandre e seu comparsa.

De dentro da casamata, Cláudia observava os técnicos junto ao foguete, ultimando os preparativos para o lançamento. Sérgio ocupava-se em comandar toda a operação, enquanto Otaviano e Marialva tentavam localizar Alexandre. Foi quando notaram uma irregularidade. Três pessoas corriam pela praça de lançamento.

Cláudia fixou a vista:

— Não é Bruno que está correndo por ali? — indagou.

— Bruno, Simone e Dina. E tem um jipe atrás deles! — falou Otaviano, notando o carro cujo funcionário decidira, um pouco tarde, atender ao pedido de Dina.

— Eles vão estragar todo o plano! O pistoleiro vai perceber que algo está acontecendo e nós não vamos pegá-lo em flagrante! — exclamou Sérgio. — Ah, esse Bruno! — reclamou entre dentes. E tomando o walkie-talkie, deu uma ordem para que os guardas da segurança os pegassem.

— Ei, me largue — berrou Simone, quando um segurança peso pesado agarrou-a pelos ombros. — Quem você tem que prender é aquele sujeito lá, perto do foguete!

O homem que suspendia a menina no ar atentou para quem ela apontava.

— Aquele é um técnico do Centro! — respondeu o homem.

— Não é não!

Marialva, Otaviano e Cláudia viram quando o segurança suspendeu Simone, que se debatia no ar. Outros dois “gorilas” retinham Bruno e Dina. Foi então que Otaviano se deu conta de que Alexandre já estava junto à base do foguete.

— Sérgio, olhe lá, é Alexandre!

— Deve ser engano seu. Aquele é um técnico da equipe! — falou o engenheiro assistente de Sérgio.

— Sérgio, mande segurar aquele técnico, acho que Otaviano tem razão — pediu Cláudia.

— Assim vamos acabar atrasando o lançamento — comentou o assistente.

Sob o olhar assustado de Cláudia e do restante da turma, Alexandre deixava o foguete, dirigindo-se para o jipe que o aguardava.

— Sérgio, você não vai fazer nada!? — exclamou Cláudia, mal podendo acreditar que o impossível estava prestes a acontecer, bem embaixo de seu nariz: o pistoleiro preparara o atentado sem que ninguém o impedisse!

O assistente voltou a comentar que ali havia um engano e que o lançamento não podia sofrer atrasos.

Otaviano lançou-lhe um olhar desconfiado. Será que aquele engenheiro fazia parte da conspiração

contra o Amazonsat?

Enquanto isso, Bruno, Simone e Dina eram colocados no jipe, que manobrava para retornar à administração. E não adiantava eles gritarem que era preciso prender Alexandre, os seguranças obedeciam ordens.

Cláudia assistia à cena como se visse um filme de horror, em câmera lenta, um pesadelo, o desfecho se aproximando devagarinho, mas tão certo e preciso quanto a fatalidade. A jornalista tomou uma resolução: pegou o walkie-talkie das mãos de Sérgio e, com ousadia, ordenou:

— Detenham o técnico que está se dirigindo para o jipe próximo ao foguete. Imediatamente!

Do outro lado, uma voz masculina pedia confirmação da ordem, chamando o engenheiro Sérgio. Cláudia colocou o aparelho na frente do cientista, numa atitude enérgica.

Otaviano e Marialva ficaram em suspenso, aguardando o que Sérgio diria. Iria ele confirmar a ordem, ou não?

— Confirmo!

Como por magia, Simone e os outros se viram livres dos seguranças, que passaram a perseguir Alexandre. O jipe em que estavam arrancou em direção ao sabotador, interceptando o caminho que o levaria ao carro de fuga. O comparsa de Alexandre, percebendo a manobra, gritou para ele se apressar. O pistoleiro ainda tentou correr, mas os seguranças o agarraram antes mesmo que sacasse a arma que levava escondida.

O outro homem acelerou e fugiu.



25. É BOMBA MESMO?

O tão esperado lançamento do VLS saiu realmente atrasado, como previra o engenheiro assistente.

Eram 10 horas e 10 segundos e foguete nenhum comparecia para romper espetacularmente a barreira do som e a transparência luminosa do céu azul de Natal.

Lá na estação de rastreamento, o ministro da Aeronáutica consultou discretamente o relógio. Puxou de leve a manga da farda, enquanto fazia, ao ouvido do governador, um desses comentários que as autoridades gostam de fazer em ocasiões solenes. Com o canto dos olhos verificou no relógio de pulso: 10 horas e 45 segundos!

O ministro acenou para seu ajudante de ordens.

— O que diabos está atrasando o lançamento? — sussurrou, irritado.

Sentado mais atrás, o responsável pela assessoria de imprensa distribuía sorrisos amarelos e torcia angustiadamente os dedos. Ele avisara todos os jornais, televisões e rádios que o foguete iria cortar os céus às dez em ponto! O que estava acontecendo? Os jornalistas, inquietos, já estavam juntando as cabeças, comentando entre si o atraso e apontando cada qual para os ponteiros do próprio relógio. O único que parecia à vontade era o governador, que sorria para todos, aparentemente sem se dar conta de que um atraso ocorria.

Enquanto isso, no Centro de Lançamento, a atividade era intensa. E ninguém olhava o relógio, apenas trabalhavam.

Sérgio ordenou que parassem todos os testes finais prescritos no Plano de Operação.

— Verifiquem a existência de explosivos ou de uma bomba junto aos motores de propulsão do VLS — comandou com segurança.

Bruno, Dina e Simone entreolharam-se com ansiedade. Depois que prenderam Alexandre, Sérgio ordenara que o jipe os deixasse na casamata, em vez de levá-los à administração. E os três ouviram a ordem apreensivos. Era difícil reconhecer que lá no fundo eles bem que estavam torcendo para que houvesse uma bomba, nem que fosse de mentirinha, na base do VLS.

— Imagina se não tem bomba nenhuma! — exclamou Simone, num cochicho, para Bruno.

O garoto sentiu um arrepio:

— Meu Deus, meu irmão é capaz de me matar se não descobrirem nada! Esta Barreira vai virar um inferno de verdade!

— E a minha irmã não vai me perdoar nunca o vexame: os colegas jornalistas vão rir e é bem capaz do chefe dela colocá-la no olho da rua! — assustou-se Dina, começando a roer as unhas.

Simone lançou um olhar para a repórter: Cláudia estava admiravelmente pálida.

Disfarçando, Simone fez um sinal para Dina e mostrou que cruzava os dedos. Dina assentiu com um olhar e fez sinal para Otaviano, que piscou para Bruno, que cutucou Marialva. E todos aguardaram a resposta com os dedos cruzados.

— Engenheiro Sérgio! — chamavam no walkie-talkie.

— Pode falar! — respondeu Sérgio com firmeza.



A turma toda prendeu a respiração, num suspense. Ninguém se mexia. Cláudia, esta então, parecia petrificada.

— Encontramos um artefato que deve ser o explosivo! Dina deu um salto de felicidade, Bruno respirou aliviado e Cláudia procurou uma cadeira para se sentar.

— Estamos salvos — resumiu Simone.

*

Às dez horas e um minuto, o ajudante de ordens aproximou-se da cadeira onde estava sentado o ministro da Aeronáutica e informou-o, num cochicho por sobre o ombro, que um pequeno atraso deveria ocorrer no lançamento do VLS.

A sobrancelha do militar ia se arqueando mais e mais, à medida que ouvia: fora descoberta uma bomba e uma equipe de técnicos da segurança já se encontrava junto ao VLS, ocupada na delicada operação de desativar o explosivo! O ministro dispensou o ajudante e, voltando-se para o governador, comunicou-lhe o ocorrido num sussurro confidencial. O assessor de imprensa, percebendo que algo grave acontecia, apareceu e foi orientado a notificar os jornalistas sobre o atraso, mas não a falar da bomba, pois àquela altura dos acontecimentos não se sabia ainda qual seria a versão oficial dos fatos.

Às 10 horas e trinta minutos, Sérgio deu ordem para iniciar a contagem regressiva. A bomba fora desativada, os testes finais retomados e tudo verificado.

— ...sete, seis, cinco...

A turma se agitou: no olhar de todos, um brilho de vitória e o sentimento de que a luta de Cido Lima continuava.

— ...três, dois, um...

Dina tampou os ouvidos. Ela detestava explosões.

— ...fogo! — acabava de comandar Sérgio.

E o VLS partiu, envolto em uma nuvem de combustão.

Dentro da casamata, todos, técnicos e visitantes, passaram a comemorar o êxito da missão.

Sérgio não se conteve e, num abraço, beijou Cláudia.

— Graças a vocês, tudo deu certo!

No momento seguinte, o ministro da Aeronáutica o chamava pelo walkie-talkie, cumprimentando-o, e a toda a equipe, pelo sucesso do lançamento. Sérgio agradeceu, emocionado:

— Obrigado, ministro... Mas há um grupo de pessoas que nos ajudou, denunciando o atentado...

O ministro pediu que ele transmitisse seus agradecimentos àquelas pessoas também.

26. CONVIDADOS ESPECIAIS

Na vitrola a voz de Elis Regina cantava:

“O sol levantou mais cedo e quis
em nossa casa fechada entrar!”

A mãe de Simone recebia os convidados para o almoço. Convidados especiais, almoço especialíssimo, com direito a peixada, siri, castanha de caju na entrada e doce de coco de sobremesa.

O sol entrava delicioso na varanda, onde já estavam dispostos os aperitivos, os tira-gostos, as cadeiras de vime e as espreguiçadeiras.

Os primeiros a chegar foram Cláudia e Sérgio, vindos de São Paulo para o feriado. Cláudia publicara uma excelente matéria sobre o caso do Amazonsat e acabou ganhando um prêmio de reportagem. Sérgio prosseguia em São José dos Campos, desenvolvendo o projeto do satélite.

Dina e Bruno chegaram pouco depois, vindos da rua Trairi, cada qual com seu skate embaixo do braço. Bruno convencera a amiga que o skate era emocionante. Bruno vivia mais tranqüilo desde que seu pai, impressionado com a aventura, deixara de comparar o caçula ao irmão mais velho.

Por fim chegaram também Otaviano e Marialva. Dessa vez, Otaviano não se sentiu acanhado com o movimento na varanda da casa de Simone. E Marialva se sentia muito bem ali, desde que começara a participar das reuniões das feministas. Com a repercussão do caso, um comerciante oferecera emprego a Otaviano e as feministas, uma bolsa de estudos para Marialva, que não largou a bacia, mas passou a acumular as tarefas.

— Vejam o que saiu no jornal de hoje — mostrava Cláudia.

Debruçaram-se todos sobre a pequena manchete num canto da página. Ali noticiava-se que Alexandre fora condenado pelo assassinato de Cido Lima.

Nos dias que se seguiram ao lançamento do VLS, a imprensa só se ocupou com a notícia do foguete e a história do atentado. Alexandre foi detido, mas não incriminou ninguém. Isto é, de início, jurou que agia sozinho e negou-se a dizer o nome de quem o contratara. Como Otaviano havia dito, o pistoleiro era duro. Mas acabou cedendo ao final de um tempo, denunciando o motorista do Opala azul, que jamais foi encontrado. Investigações feitas apontavam para a fuga num cargueiro. Além disso, nada mais se obteve. Quanto ao deputado Campos, continuou a aparecer de vez em quando no noticiário, atacando o projeto Amazonsat e defendendo a pecuária como a melhor ocupação para a Amazônia.

— Finalmente fazem justiça neste País! — exclamou Sérgio.

— Só falta prenderem os mandantes — acrescentou Cláudia.

Marialva quis saber quando Sérgio e Cláudia se casavam.

Dina intrometeu-se, ligeira:

— Por mim, casavam “ontem”!

Marialva surpreendeu-se:

— Como!

Foi Cláudia quem explicou.

— Dina está doida para eu casar logo com Sérgio, assim ela pode se mudar para São Paulo, fazer o colegial e começar um curso de jornalismo com direito a um estágio num grande jornal de lá.

— E vocês se casam logo? — quis saber a mãe de Simone.

Sérgio sorriu.

— No ano que vem! Logo após o lançamento do satélite Amazonsat em Alcântara e a reportagem que a Cláudia não vai deixar de fazer sobre ele...

— Espero que não haja emboscadas, nem atentados! — falou Simone.

O pai da menina balançou a cabeça, em dúvida.

— Há tantos interesses envolvidos, que eu não me admiraria se acontecesse.

Bruno deu um salto, pondo a mão na cabeça:

— Outro salvamento de foguete, vai ser demais!

Todos riram.

Após o almoço, Sérgio e Cláudia despediram-se, prometendo enviar os convites de casamento. Bruno e Dina foram com eles, aproveitando a carona.

Marialva e Otaviano levantaram-se também para sair.

— Dê um pulinho lá no Sindicato, Otaviano — convidou o pai de Simone.

O garoto prometeu que iria. Ele e Marialva se despediram e rumaram para Mãe Luísa.

O sol já se punha, lançando reflexos dourados na areia do morro do Careca. Simone deixou a bicicleta no sopé e começou a subir. Lá no topo, ajeitou-se. Tinha um livro na mão e um pacote de balas no bolso.

Uma brisa de fim de tarde acariciou seus cabelos. Simone respirou fundo. Ela sabia que há muitas lutas nesta Terra, e a de Cido Lima, a de sua mãe e a de seu pai eram apenas algumas das muitas necessárias. Parecia um oceano de lutas que não acabava nunca. Ela se perguntava qual seria a luta dela...

A menina contemplou a vista. Lá embaixo, a Via Costeira, a praia de Ponta Negra. Uma paz imensa a invadiu. E ela sentiu-se feliz, do jeito que mais gostava. Com seu livro, suas balas e os olhos postos no mar, nas dunas e no povo de sua terra, Natal.

FIM

